



ESTUDO MILITAR DOS FATORES DE DECISÃO NA BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO

Claudio Moreira Bento ()*

() Ten. Cel. Eng. QEMA*

(Membro: Comissão de História do Exército Brasileiro (1971-74). Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, Academia Brasileira de História e Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul).

INTRODUÇÃO

No dia 20 de fevereiro de 1977 transcorreu o sesquicentenário da Batalha do Passo do Rosário ou do Ituzaingó, a maior batalha campal travada no Brasil, envolvendo 17.000 homens. Ela teve lugar próximo a atual cidade de Rosário no Rio Grande do Sul, entre forças brasileiras integrantes do Exército do Sul, ao comando do Marquês de Barbacena, e argentinas e orientais (uruguaios) integrantes do Exército Republicano ao comando do brigadeiro-general Carlos Maria Alvear.

Passo do Rosário para os brasileiros, ou Ituzaingó para os argentinos e uruguaios, foi o mais expressivo evento militar inserido no contexto da guerra da atual República Oriental do Uruguai, para tornar-se independente do então Império do Brasil a que fora incorporado, artificialmente em 1821, por Portugal, como Província Cisplatina.

Nos últimos 150 anos, veteranos de Passo do Rosário, autoridades e historiadores platinos e brasileiros têm deposto, opinado ou a interpretado. Alguns o tem feito, quanto a seus resultados e conseqüências, de modo mais passional do que racional, fruto, por vezes, de um justificável patriotismo.

A visão científica tem sido dificultada, seja pela carência de fontes primárias, principalmente argentinas, traduzidas por partes de combates emitidas logo após a batalha, seja por não possuir-se um levantamento topográfico preciso do terreno, como o agora disponível, realizado em 1956 pelo Serviço Geográfico do Exército e que iremos explorar pela primeira vez.

Distanciados 150 anos daqueles fatos, procuraremos no presente ensaio, com a maior isenção possível, analisar, com apoio em processo militar decorrente do método de Descartés, a real Situação dos dois exércitos em Passo do Rosário, através do Estudo dos Fatores da Decisão Militar (Missão, Terreno, Inimigo e Meios).

Esperamos com nosso ensaio inédito e de abordagem que acreditamos original, e que não pretende esgotar o assunto, um melhor entendimento da Batalha do Passo do Rosário, na oportunidade de seu sesquicentenário.

O TERRENO DA BATALHA

O estudo do fator da decisão-Terreno deve ser acompanhado pelo esboço sob o título — TERRENO DA BATALHA que integra o trabalho. Sua reconstituição apoiou-se nas folhas Estação Corte e Passo do Rosário da Carta RS — Escala 1:50.000 levantada em 1956 e desenhada e impressa, em 1959, pelo Serviço Geográfico do Exército.

O estudo do terreno será feito a partir das posições iniciais tomadas pelos exércitos, nas alturas a oeste (o de Aivear) e a leste (o de Barbacena), da Sanga do Barro Negro.

DESCRIÇÃO

O terreno é formado por um grupo de coxilhas situado no ângulo limitado pelo rio Santa Maria e o arroio Ituizangó que decresce de altitude à medida que se aproximam dos mesmos. Então, dá origem a várzeas, particularmente na direção do rio Santa Maria.

A sanga do Barro Negro separava as coxilhas que aqui passaremos a denominar de Olho de Água (a oeste cotas 144, 33 e 165 Cerro) e do Túmulo de Abreu (a leste cotas 135, 129 e 152).

Na época existiam dois caminhos atravessando a região, procurando o passo do Rosário. O primeiro vinha do passo do Cacequi e seria usado pelo Exército Republicano para atingir o passo do Rosário em 19 Fev. 27 e, pelo Exército do Sul, para a retirada, em 20 Fev., na direção do rio Jacuí.

O segundo vinha de São Gabriel, através do banhado Inhatium, e foi usado pelo Exército do Sul para aproximar-se do Passo do Rosário em 19 e 20 Fev. 27 e, pelo Exército Republicano, para deixar o campo de batalha, em 21 Fev. 27, em direção a São Gabriel.

Ambos caminhos uniam-se, após atravessar a Sanga do Barro Negro, no topo da coxilha do Olho de Água. Após a junção e travessia da sanga do Branquilha e várzea, atingia o passo.

Tasso Fragoso assim descreveu a região, ao estudá-la por volta de 1910. "Todo o terreno apresenta a feição geral da campanha do Rio Grande. Ondulações suaves se escalonam em todos os sentidos, tapizadas de relva, dando ao observador, que as contempla pela primeira vez, a sensação estranha, posta em destaque por um geógrafo distinto, de um mar de vagas gigantescas e roladas, que mãos poderosas houvessem de súbito imobilizado, numa misteriosa solidificação".

Deixando a poesia de lado passemos ao processo de estudo do terreno, com apoio no método de Descartes, aplicado ao estudo de seus aspectos táticos.



- A - Observação e Campo de Tiro.
- B - Cobertas e Abrigos.
- C - Obstáculos.
- D - Acidentes Capitais.
- E - Vias de Acesso.

A ponte no passo do Rosário e a cidade de Rosário não existiam na época.

A — Observação e Campos de Tiro

1. Para o Exército do Sul

Bons das alturas ao norte e ao sul da depressão da coxilha do Túmulo (passagem da estrada para Cacequi), sobre o anfiteatro em torno da sanga do Barro Negro.

Eram deficientes na depressão por onde passava a estrada, a partir da cota 129, para oeste.

Não existia observação na depressão atrás da cota 133 da coxilha do Olho de Água e na depressão atrás desta, no vale da sanga do Branquilha.

A depressão no centro da coxilha do Túmulo, por onde passava a estrada, dissociava a posição quanto a campos de tiro e observação, além de ser dominada por fogos e vistas do contra-forte da coxilha do Olho de Água—cota 133.

Aqui parece residir a explicação do porque das divisões de Infantaria do Exército do Sul não terem podido apoiar-se mutuamente. Caso contrário, invariavelmente, uma delas teria de lutar na depressão. A procura de dominância sobre a Cavalaria irá obrigá-las a procurar alturas de um lado e outro da depressão da cota 129.

2. Para o Exército Republicano

Eram muitos bons os campos de observação e tiro da coxilha do Olho de Água, sobre o anfiteatro em torno da Sanga do Barro Negro. Campos que penetravam, fundo, na depressão da coxilha do Túmulo, por onde passava a estrada para Cacequi, particularmente da extremidade do contraforte da cota 133.

O contraforte da cota 144 possuía dominância sobre todos os caminhos para o passo do Rosário.

3. Comentário

Havia superioridade de observação e campos de tiro da posição do Exército Republicano e, continuidade desta, entre as cotas 144 e 165, com a vantagem de um saliente formado pelo contraforte da cota 133. Este assegurava excelente dominância de vistas e fogos, particularmente de Artilharia, sobre a rodovia do passo do Cacequi que flanqueava, logo a partir da travessia da sanga.

A posição do Exército do Sul era descontínua no centro.

A saliência dominante, no centro da posição do Exército Republicano, correspondia a uma depressão na do Exército do Sul.

A posição brasileira prestava-se mais à defensiva do que à ofensiva. Era superior no tocante à defensiva, a base de Infantaria, por situar-se mais próximo do corte da sanga do Barro Negro e, a depressão, no centro, favorecer o cruzamento de fogos sobre forças que nela penetrassem. Nesta situação tiraria o melhor proveito da Artilharia no centro.

A posição do Exército Republicano prestava-se a uma defensiva na base da Cavalaria, com apoio da Artilharia ao centro.

Existia espaço, entre as partes mais altas e extremas da posição, até a sanga do Barro Negro, para contra-ataques de Cavalaria, de cima para baixo, sobre os flancos de forças adversas progredindo ao longo das estradas, à procura da cota 144, da Coxilha Olho de Água.

A Artilharia, no Centro, poderia dominar, com seus fogos, força progredindo ao longo da estrada de Cacequi, a partir da sanga do Barro Negro.

Se o Exército do Sul tivesse ocupado posições na linha das cotas 125, ao norte da rodovia, e mais para o norte da 152, poderia tirar o máximo rendimento defensivo e mesmo ofensivo de sua Infantaria ao atacar, de cima para baixo, na direção balizada por COTA 152 — COXILHAS — CERRO (165).

B — Cobertas e Abrigos

1. Para o Exército do Sul

O terreno era coberto de gramíneas e vegetação arbustiva esparsas. A sanga do Barro Negro era dominada pelas vistas de ambos os exércitos. Portanto, não oferecia cobertas e abrigos aos dois contendores.

A posição do Exército Republicano oferecia melhores cobertas, seja atrás da coxilha do Olho de Água, vale da sanga do Branquilha, seja atrás do contraforte da cota 133.

A depressão existente no centro da posição do Exército do Sul a fazia inferior, do ponto de vista de cobertas e abrigos.

Junto ao Rio Santa Maria existia uma mata ciliar na qual o Exército Republicano encontrou considerável número de rio-grandenses acampados, após abandonarem suas estâncias, à sua aproximação, conforme menciona Acevedo Diaz.

Poderia servir para os trens do Exército Republicano buscar abrigo, em caso de ataque pelo do Sul.

Comentário

As depressões situadas atrás das cotas 144 e 133 conferiam superioridade à posição do Exército Republicano, pela possibilidade de, nelas, mais junto a frente, organizarem-se contra-ataques e ataques a base de Cavalaria, a coberto das vistas do Exército do Sul.

C — Obstáculos

Oferecia dificuldades de transposição, particularmente por tropas de Cavalaria em formação de ataque, a sanga do Barro Negro. Não pelo volume das águas, mas pelas rampas de suas bordas criadas pela erosão.

A sanga oferecia passagem franca para uma formação de ataque, inclusive com Artilharia, na passagem da estrada velha para São Gabriel e, menos franca e com grande dificuldade para Artilharia, na passagem da estrada para Cacequi e, acima da linha balizada pelas cotas 152 e 165 (CERRO).

O passo do Rosário, nesse dia e no anterior, estava a nado. Era obstáculo para a Infantaria e Trens. A Cavalaria podia atravessá-lo a nado e a Artilharia poderia ser rebocada pelas prolongas.

Alvear desistiu de atravessar o passo no dia anterior porque teria de deixar de um lado, a salvo, a Cavalaria e a Artilharia e, expostos, os Trens de Guerra e a Infantaria.

A várzea entre o passo e as coxilhas oferecia dificuldades ao emprego da Cavalaria, embora a primeira vista se apresentasse como ideal. Mas na realidade, segundo Acevedo Diaz, "era um banhado de uma milha ou mais de largura, arenoso, coberto de macegas e de grande quantidade de montículos de terra que constituíam-se outros tantos obstáculos para a manobra de Cavalaria".

Além disso não era plana, mas em rampa, embora suave, na direção das coxilhas. A Cavalaria deveria carregar de cima para baixo se tivesse de defender o Exército Republicano apoiado no Santa Maria.

A linha ao norte das cotas 152 e 163, com características de serra, não era o ideal para o emprego da Cavalaria. Prestava-se mais a Infantaria.

Comentário

A sanga do Barro Negro não impedia, mas dificultava os movimentos de formações de combate que a atravessassem. Oferecia passagem franca na altura da estrada velha de São Gabriel, passagem restrita na altura da estrada para o passo CACEQUI e nas cabeceiras da sanga.

O passo do Rosário, em caso de retirada, seria obstáculo para os Trens e Infantaria do Exército Republicano e, possivelmente para a sua Artilharia, se feita sob pressão.

O terreno mais ao norte, desbordando as cabeceiras da sanga do Barro Negro, dificultava o emprego da Cavalaria. Era mais propício à Infantaria.

A várzea nas proximidades do rio SANTA MARIA e do arroio Ituizangó dificultava o emprego da Cavalaria e, junto ao último, impedia o emprego.

Interpretação com apoio em: LIMA E SILVA. *Anais* p. 46. SEWELOH. *Reminiscências*, p. 63. CRUZ Alcides. *O campo de Batalha* pp. 165-175 e BROWN. *Parte de Combate in: FRAGOSO. A batalha*, p. 410 e 413. SOUZA JUNIOR. *Caminhos*. pp. 70-75. DIAS, Leonel. *Campanha*. pp. 80-81.

D – Vias de Acesso

No terreno distinguem-se 4 vias de acessos para ambos os contendores, condicionados aos locais de passagem mais favoráveis na sanga do Barro Negro, principalmente.

1. Via de acesso nº 1 (SUL) ou VA-1

Balizamento: Cota 135 — Túmulo — Passagem Sanga — Estrada antiga para S. Gabriel — cota 144.

2. Via de acesso nº 2, ou VA-2

Balizamento: Cotas 129 a 144, pela estrada antiga do passo do Cacequi.

3. Via de acesso nº 3, ou VA-3

Balizamento: Idem anterior até a sanga. Após, passagem Sanga Barro Negro — cota 133

4. Via de acesso nº 4 (NORTE), ou VA-4

Balizamento: Cota 152 — alturas 150 entre Coxilhas e árvores — cota CERRO (165) — cota 144

5. Comparação das Vias de Acesso (com vistas ao emprego da Infantaria).

FATORES DE COMPARAÇÃO	VA-1	VA-2	VA-3	VA-4
Segurança para progressão da Infantaria	3	1	2	5
Aproximação de meios	5	4	3	1
Orientação	3	5	4	2
Extensão	3	5	4	2
Espaço e liberdade de manobra Inf.	4	2	3	5
Dificuldade emprego Cavalaria adversária	1	2	4	5
Dominância de fogos e vistas	2	1	1	5
Deslocamento Art.	5	4	3	1
Dificuldades de flanqueamento pela Cavalaria adversária	3	2	3	5
Dificuldade ação Artilharia adversária	3	2	3	5
Avaliação em pontos	32	28	30	36

A melhor via de Acesso para um ataque, a base de Infantaria, seria a de nº 4, pelas seguintes razões:

- Dominância de fogos e vistas;
- Maior espaço e liberdade de manobra;

- Maior dificuldade de interferência da Cavalaria adversária;
- Maior dificuldade de ação da Artilharia adversária;
- Maior segurança e impulsão na progressão da Infantaria: (Inicialmente no plano e após de cima para baixo).

A via de acesso nº 2, embora a melhor quanto a orientação, extensão e aproximação de meios, deslocamento da Artilharia, é dominada, facilita o flanqueamento e a ação frontal da artilharia adversária sobre quem nela progride.

6. Comparação das Vias de Acesso (quanto ao emprego da Cavalaria)

FATORES DE COMPARAÇÃO	VA-1	VA-2	VA-3	VA-4
Segurança para as cargas da Cavalaria	5	3	2	1
Possibilidades de desbordamentos	5	3	2	1
Aproximação de meios	5	3	2	1
Aproximação e apoio da Artilharia	5	3	2	1
Orientação	4	5	3	1
Extensão	4	5	3	1
Dificuldades emprego Infantaria adversária	3	5	4	2
Dificuldades emprego Artilharia adversária	4	2	3	5
Espaço e liberdade de manobra	5	3	4	1
Possibilidade de penetração e criação de flancos interiores	2	4	4	2
Avaliação em pontos	42	36	29	16

A melhor via de acesso para um ataque a base de Cavalaria seria a de nº 1:

- Cargas da Cavalaria com maior impulsão e profundidade.
- Possibilidades de desbordamento de flanco.
- Melhor para a aproximação de meios e de apoio de Artilharia.
- Maior espaço e liberdade de manobra, além de bem orientada e não muito extensa.

A via de acesso nº 2, embora a mais curta, melhor orientada é a mais contra-indicada para o emprego da Infantaria adversária e para a penetração na posição

do Exército do Sul. Apresentava um ponto crítico na travessia da sanga da Barro Negro e dificuldade de ser apoiada por Artilharia. Podia ser flanqueada na depressão que dissociava a posição do Exército do Sul.

7. Comentário

A via de acesso n.º 1, combinada com a n.º 2 era a que melhor tiraria proveito da superioridade em Cavalaria do Exército Republicano.

A via de acesso n.º 4, combinada com a de n.º 3, era a que melhor tiraria proveito da superioridade, em Infantaria, do Exército do Sul.

E — Acidentes Capitais

No terreno podemos assinalar os seguintes acidentes capitais, cuja manutenção ou perda para o adversário, resultaria em ganho ou perda de vantagem tática significativa, ou mesmo decisiva, no transcurso da batalha e, decidindo sua sorte.

De leste para oeste poderíamos registrar os seguintes acidentes capitais que mencionaremos por letras minúsculas e designaremos de AC.

a — Vale do sanga acima, e entre as estradas a leste do Túmulo de Abreu.

— Na coxilha do Túmulo.

b — Região de cota 135

c — Região de cota 129

d — Região da cota 152

— Na sanga do Barro Negro.

e — Região da travessia da sanga pela estrada velha de São Gabriel.

f — Região da travessia da sanga pela estrada do passo do Cacequi.

— Na coxilha do Olho de Água.

g — Região de cota 144

h — Região de cota 133

i — Região de cota 163 (CERRO)

j — Região abaixo palavra Coxilhas

l — Alturas dominantes do rio Santa Maria

m — Região do Passo do Rosário

n — Retaguarda da cota 135

Vantagens proporcionadas por estes pontos pelos Exércitos em posição nas duas coxilhas.

AC-a. Local dos trens do Exército do Sul. Conquistado pelo Republicano significa a queda das bagagens em mãos do adversário e controle das duas estradas, dificultando ou impedindo a retirada do Exército do Sul.

AC-b. Em mãos do Exército do Sul, base de partida para ataque sobre o AC-b (cota 144), contenção de ataques da Cavalaria, tentando atingir a retaguarda e abertura do caminho para São Gabriel. Em mãos do Republicano, chave de aber-

tura para a região de trens do Exército do Sul e para a conquista de toda a posição ocupada por este e domínio de uma linha de retirada.

AC-c. De posse do Exército do Sul, impedia o fracionamento em duas de suas posições. Assegurava base de partida para ataques ao longo da estrada e uma linha de retirada para o passo do Cacequi.

AC-d. De posse do Exército do Sul impedia o envolvimento da posição pelo norte e assegurava base de partida para um ataque de Infantaria pela melhor via de acesso.

De posse do Exército Republicano assegurava condições de envolvimento da posição do Exército do Sul, pela retaguarda, e corte ou interferência, na sua linha de retirada para Cacequi.

AC-e. De posse do Exército Republicano assegurava o livre trânsito de suas tropas para ataques a cota 135 e para uma retirada na direção de São Gabriel.

De posse do Exército do Sul assegurava livre trânsito de suas tropas para atacar a cota 144 ou, procurar atingir os trens do adversário, no passo do Rosário.

AC-f. De posse do Exército Republicano assegurava livre trânsito de suas tropas para prosseguirem sobre as regiões de cotas 135, 129 e 152.

De posse do Exército do Sul permitia a passagem de suas tropas para ataques, particularmente sobre a região da cota 135.

AC-g. De posse do Exército Republicano impedia que o Exército do Sul rompesse a posição e o envolvesse ou prosseguisse sobre os trens em passo do Rosário. Permitia-lhe montar ataques sobre as cotas 135 e 129, através das duas passagens favoráveis da sanga do Barro Negro.

De posse do Exército do Sul cortava as linhas de retirada do adversário para o Cacequi e São Gabriel e criava condições de envolvimento simples da posição adversária.

AC-h. De posse do Exército Republicano permitia-lhe fazer fogos de Artilharia e flanquear com ações de Cavalaria, ataques adversários sobre a região de cota 144, ao longo da estrada do passo do Cacequi. De posse do Exército do Sul permitia-lhe minimizar os efeitos dos fogos da Artilharia adversária sobre suas forças, progredindo ao longo da estrada do passo Cacequi, na direção da coxilha do Olho de Água. Este acidente é o ponto chave da defesa do Exército Republicano. Conquistado num ataque frontal, significaria o rompimento de toda a posição do Exército do Sul e a possibilidade de neutralizá-la com um amplo envolvimento. Ela permite o prosseguimento, em profundidade, para cortar-se linha de retirada dos trens do Exército Republicano, por estrada ligando os passos do Rosário e S. Simão.

AC-i. De posse do Exército Republicano assegura base de partida para ataques para o norte e a defesa de ataques provenientes daquela direção.

De posse do Exército do Sul, após ataque de Infantaria desferido pelo norte, constitui-se na chave da vitória, pois atingia pela retaguarda a cota 133 e, de cima para baixo, a cota 144. Força dali enviada poderia cortar a retirada pela es-

trada do Passo S. Simão, deixando o Exército Republicano como única alternativa, uma travessia forçada através do Passo do Rosário.

AC-j. De posse do Exército Republicano defende a posição da coxilha do Olho de Água e impede que seja a mesma desbordada pelo norte e atingida a estrada que liga o passo S. Simão com o do Rosário e, este, em última instância.

De posse do Exército do Sul permite-lhe desbordar profundamente a posição adversária bem como prosseguir para conquistar toda a posição da coxilha de Olho de Água e tentar cercar e bater o adversário.

AC-l. Estas alturas de posse do Exército Republicano criavam condições de uma retirada na direção do passo do S. Simão e da travessia alguns de seus elementos pelo passo do Rosário.

AC-m. De posse do Exército Republicano permitia que procedesse a retirada do que pudesse através desse passo do Rosário.

De posse do Exército do Sul significaria o cerco do Exército Republicano na região estudada.

Comentário

Na posição do Exército Republicano existiam dois acidentes capitais considerados pontos-chave, cuja conquista significaria a queda da própria posição.

AC-g. Região da cota 144. Ponto-chave para um ataque frontal de ruptura pelo Exército do Sul, pela via de acesso n.º 2.

AC-1. Região de cota 163 (cerro). Ponto-chave para um ataque de flanco do Exército do Sul, a base de Infantaria.

Na posição do Exército do Sul existiam dois acidentes capitais considerados pontos-chave.

AC-b. Região da cota 135 — Ponto-chave para um ataque de Cavalaria pela via de acesso n.º 3.

AC-c. Região de cota 126 — Ponto-chave para um ataque de Cavalaria pela via de acesso n.º 2, combinado com um envolvimento pela via de acesso n.º 1, por caracterizar a penetração e divisão, em duas, da posição do Exército do Sul, além de neutralizar a Artilharia e atingir as bagagens do Exército do Sul.

CONCLUSÕES

Do estudo de aspectos táticos do terreno conclui-se quanto às posições ocupadas pelos dois exércitos: A do Exército Republicano era melhor servida de cobertas e abrigos, de campos de observação e tiro. Neste caso, inclusive, de tiros de Artilharia, pois a tendência era colocar esta arma no centro.

A via de acesso que melhor respondia a características de superioridade de Cavalaria com possibilidade de apoio de Artilharia do Exército Republicano, era a VA-1 (Sul).

No caso da posição ocupada efetivamente pelo Exército do Sul, a conquista da parte inferior da coxilha do Túmulo do Abreu, entre as duas estradas, significaria:

- Envolvimento e redução dos elementos que a defendessem.
- Conquista dos trens de guerra (bagagens etc. do Exército do Sul).
- Abertura de uma linha de retirada para São Gabriel.
- Ou, possivelmente, base de partida para uma tentativa de cerco e de aprisionamento dos remanescentes do Exército do Sul.

Neste caso seriam pontos-chave os acidentes capitais AC-b e AC-c.

A posição ocupada pelo Exército do Sul era a pior em cobertas, abrigos, campos de tiro e de observação. As dificuldades de travessia da sanga do Barro Negro conferia-lhe melhores condições para uma defensiva do que para uma ofensiva. Mas, mesmo assim, era inferior a do Exército Republicano, por dissociada pela depressão por onde passava a estrada de Cacequi. A depressão era contra-indicada para ser ocupada por Infantaria e Artilharia, enfraquecendo assim o centro da posição.

A via de acesso que melhor respondia às características de superioridade de Infantaria do Exército do Sul era a VA-4 (Norte).

No caso da posição efetivamente ocupada pelo Exército do Sul, a conquista da cota Cerro (165) por um ataque de flanco pela VA-4 (Norte), a base de Infantaria, significaria:

- Envolvimento da região de cota 133 da coxilha do Olho de Águia.
- Possibilidade de conquistar a região da cota 144 e parte da cota Cerro (165) por ataque de fixação, com envolvimento, e, assim, a conquista da posição.
- Base de partida para o lançamento de elementos para a conquista de trens do Exército Republicano e corte de uma retirada pelo passo do Rosário e pelo de S. Simão.

Neste caso seria ponto-chave o AC de cota Cerro (165).

A posição ideal para o Exército do Sul ter ocupado era as alturas acima da estrada para o passo do Cacequi, por lhe assegurar as melhores condições defensivas e ofensivas à base de Infantaria.

Veremos que o Exército do Sul irá efetivamente ocupar a parte da coxilha do Túmulo ao norte e ao sul da estrada para o passo do Cacequi, ficando suas duas divisões de Infantaria dissociadas pela depressão da estrada e, sem condições de se apoiarem mutuamente.

Veremos por outro lado o Exército do Sul usar para a ofensiva a VA-2, a pior do ponto de vista de um ataque de Infantaria, ou uma via de acesso, que apesar de menos extensa e orientada, era dominada por fogos de artilharia e sujeita a ataques de flanco à base de Cavalaria, além de atacar de cima para baixo. Como arremate poderíamos dizer que o Exército do Sul, para o ataque que irá desfechar sobre o Exército Republicano, usará a via de acesso mais desfavorável das quatro e que o Exército Republicano usará a melhor do ponto de vista de sua superioridade em Cavalaria, com possibilidade de apoio de Artilharia.

E, mais, que a região da cota 133 da coxilha do Olho de Água e a depressão da coxilha do Túmulo de Abreu, que não eram assinaladas em levantamentos anteriores do terreno, exercerão papéis decisivos contra o Exército do Sul.

CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS

A noite de 19/20 foi muito quente e dominada por negra escuridão, até a saída da lua, entre uma e duas horas. No dia 20 amanheceu por volta das 0600 horas. O calor era ardente. Soprava forte vento, ora do norte ora do noroeste. A vegetação apresentava-se seca e portanto inflamável. Já haviam transcorrido cerca de 2/3 partes do verão na região. Os raios de um sol brilhante, neste dia de céu limpo, incidiram na frente da posição do Exército Republicano e pela retaguarda do Exército do Sul. Ao amanhecer, a sanga do Barro Negro esteve coberta por brumas que impediam a visão de seu corte.

Comentário

A escuridão durante as 5 primeiras horas da noite em 19/20 prejudicou a tomada de posição do Exército Republicano na coxilha do Olho de Água e o deslocamento da Vanguarda do Exército do Sul.

O vento soprando, ora parcialmente, ora totalmente sobre a posição do Exército do Sul, irá desempenhar papel adverso a este, por ocasião de incêndio ateadado de propósito no campo de batalha, por cavalarianos do Exército Republicano.

Este incêndio o estudaremos com detalhes sobre o título "Os generais republicanos". *Vento e Fogo*.

O calor ardente, após 6 horas de combate na parte ocupada pelo Exército do Sul, vai ter influência muito negativa, por aumentar a sede que não pode ser mitigada no campo de batalha, por inexistir água.

SITUAÇÃO DOS EXÉRCITOS

Para uma melhor apreciação do valor qualitativo de ambos os contendores e do estágio das doutrinas militares em confronto em Passo do Rosário, impõe-se uma análise e comparação dos fatores da decisão militar, INIMIGO E MEIOS, sintetizados sob o título Situação dos Exércitos.

A análise e comentário comparativo abordarão em cada exército os seguintes elementos:

- A — Organização, efetivos, composição e valor
- B — Lideranças (experiência anterior em guerra clássica)
- C — Experiência anterior de combate dos quadros e tropa
- D — Instrução
- E — Disciplina
- F — Forças Morais
- G — Cavalhadas

- H — Situação de Informações
- I — Armamento e Munições
- J — Artilharia
- L — Engenharia
- M — Alimentação
- N — Uniformes
- O — Equipamentos
- P — Transportes

Após a análise e comparação desses elementos será feita uma comparação geral, incluindo-se a superioridade do Exército do Sul em Infantaria e a do Exército Republicano em Cavalaria. O primeiro com vantagem numa batalha travada em terreno movimentado e o segundo em terreno plano.

Acreditamos que na análise desses elementos resida a explicação dos resultados de 20 de fevereiro de 1827.

A MISSÃO

1. Missão do Exército do Sul ao comando do Marquês de Barbacena (Brasil).

a. No dia 17 fev. em SÃO GABRIEL:

Marchar sem demora no dia 18, com bagagens aliviadas, através do banhado Inhatium e Passo do Rosário do rio Santa Maria, para cortar a retirada do inimigo, "em precipitada e vergonhosa fuga", na direção de Santana, através do Passo São Simão.

Com o concurso da 1.^a Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Manuel) que iria atalhar a retirada inimiga, após atravessar o rio Ibicui, procurar travar batalha decisiva com o inimigo e destruí-lo.

Ficar em condições de perseguir seus remanescentes até o dia de, em Buenos Aires, vingar as hostilidades que o exército inimigo cometeu em São Gabriel e Bagé.

Interpretação com apoio em: Proclamação de Barbacena in: AGUIAR, Vida, pp. 264-265. Informação de Bento Manuel de 15 fev. 1827 in: AGUIAR, Vida, p. 263. Resposta de André in: RIHGB, 1854, p. 455. Cidade, Lutas, p. 258 (final). SOUZA JUNIOR, Caminhos, p. 56 e WIDERSPHAN, A Campanha, pp. 197-198.

b. Após o anoitecer de 19 fev. no acampamento, próximo a Estância do Rosário atual, a 6 Km do Passo do Rosário:

Atacar o exército inimigo em 20 fev., sem o concurso da 1.^a Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Manuel), apesar do precário estado da cavalaria, com a finalidade de surpreendê-lo e destruí-lo, na ocasião em que procede a travessia do rio Santa Maria, no Passo do Rosário, em situação tática crítica, com efetivos de um lado e outro do rio. Ficar em condições de atravessar o rio e perseguir os remanescentes do inimigo do outro lado.

Interpretação com apoio em: Parte de Combate de BROWN in: FRAGOSO, A Batalha. pp. 273 (final) e 274 (início e final). CIDADE, Lutas. p. 262-264. WIDERSPHAN. A Campanha. pp. 217-235 (linhas 10-16) e HEB. v. 2 p. 539 (direita).

- c. Após iniciado o ataque em toda a frente e ficar evidente que o inimigo encontrava-se com toda a força presente no campo de batalha "forte e inflanqueável": Prosseguir com a 1.^a Divisão (Barreto) no ataque principal, para romper o centro inimigo. Com a 2.^a Divisão (Callado) retrair para a posição inicial, defender a ala direita e repelir o inimigo. Com a 2.^a Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Gonçalves) proteger o flanco direito nas alturas da nascente da Sanga do Barro Negro e ficar em condições de proteger a retaguarda e os espaços entre as duas divisões. Com o Corpo de Abreu proteger o flanco esquerdo.

Interpretação com apoio em: Partes de combate de BROWN e ANDRÉA e Boletim do Exército Republicano in: FRAGOSO, A Batalha pp. 411, 412 e 418. CIDADE. Lutas p. 270. SOUZA JUNIOR. Caminhos. p. 60. WIDERSPHAN. Campanha. p. 239 (linhas 8-10), HEB p. 539 (direita).

Comentário

Fica evidente a deficiência de informações sobre o Exército de Alvear que Barbacena dispôs. Em consequência foi surpreendido:

- Ao saber ao anoitecer de 19 fev. que Alvear estava tentando atravessar o rio no Passo do Rosário e não no São Simão.
- Ao encontrar o inimigo em posição, ao amanhecer de 20, sobre as coxilhas que dominavam o Passo do Rosário.
- Ao constatar, após iniciada a Batalha de 20 fev., que estava enfrentando todo o Exército de Alvear em posição na coxilha do Olho de Água, apoiado na Sanga do Barro Negro, contrariando o que fora levado a crer, por informações imprecisas: Ou seja, em sequência:
- Perseguir um Exército "em vergonhosa e precipitada fuga", na direção de Santana, através do Passo São Simão.
- Atacar um Exército, em vergonhosa e precipitada fuga, na direção de Santana, no momento em que atravessava o Passo do Rosário.
- Atacar a Retaguarda do Exército de Alvear, em posição na coxilha do Olho de Água, cobrindo a operação de transposição do grosso no Passo do Rosário, razão de ser dispensável o concurso da 1.^a Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Manuel).

Disto resultou travar batalha sem o concurso da 1.^a Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Manuel), há 10 léguas de distância em linha reta, destacada do grosso dias antes, com a missão de: Hostilizar, observar e informar os movimentos de Alvear, mas em condições de reunir-se ao Exército, no local e hora indicados.

Interpretação com apoio em: Barbacena, Andréa, Miranda e Bento Manuel. Machado de Oliveira e Seveloh in: FRAGOSO, A Batalha. p. 361. WIDERSPHAN, A Campanha. pp. 193-197.

Bento Manuel ao ser recalcado pelo inimigo para o norte do rio Ibicui Mirim perdeu o contato com o inimigo e com Barbacena, de 15 a 22 de fevereiro. Isto traria graves consequências como se verá (vide FRAGOSO, *A Batalha*, pp. 361-365 e WIDERSPHAN, *A Campanha*, p. 113-118).

2. Missão do Exército Republicano de Alvear (Argentina e Uruguai)

- a. Após conhecer em 18 fev. que o Exército do Sul saíra de São Gabriel e marchava para o Passo do Rosário, através do banhado Inhatium:

Aliviar bagagens no Passo do Cacequi. Marchar na noite de 18/19 fev. para o Passo do Rosário, atravessá-lo sem interferência do inimigo e interpor o rio entre os dois exércitos. Tudo, com a finalidade de escapar da armadilha que estava prestes a cair. Ou seja, ficar cercado nos campos, entre os rios Santa Maria, Cacequi e Vacacai, exauridos de pastos e gado cavalar e vacum e outros recursos e com a mobilidade limitada, em razão do mau estado da cavalaria. Situação estratégica crítica, da qual somente poderia sair ao custo de grandes manobras.

A marcha seria realizada com a cobertura de uma retaguarda voltada para leste na direção da marcha do Grosso inimigo e por um Flanco-guarda voltada para o norte para a Vanguarda do mesmo. (Bento Manuel).

Interpretação com apoio em: ALVEAR, *Exposición* in: FRAGOSO, *A Batalha*, pp. 264, 267, 315 e 316. SOUZA JUNIOR, *Caminhos*, pp. 58-62 e WIDERSPHAN, *A Campanha*, pp. 199-201 e ALVEAR, *Exposición*.

- b. Ao anoitecer de 19 fev., após constatar a impossibilidade de travessia do grosso de seu Exército no Passo do Rosário, por estar o rio Santa Maria invadeável, em razão de chuvas recentes:

Face à impossibilidade de atravessar o rio no Passo do Rosário por apresentar-se invadeável para o Grosso ("largo, cheio e caudaloso") e o risco de apresentar combate ao inimigo numa várzea, contramarchar na noite de 19 para ocupar a coxilha do Olho de Água, para, ali, oferecer batalha ao inimigo, caso ele se apresente com esta disposição.

Para que esta contramarcha se efetue segundo a concepção do Comandante do Exército, para sua execução, somente serão obedecidas ordens pessoais expressas do General Alvear.

Interpretação com apoio em: BALDRICH, *Guerra*, p. 330. FRAGOSO, *A Batalha*, p. 314. SOUZA JUNIOR, *Caminhos*, pp. 62-68. CIDADE, *Lutas*, p. 261. Alvear in: FRAGOSO, *A Batalha*, p. 315 e WIDERSPHAN, *A Campanha*, pp. 199-201 e DIAS, in: FRAGOSO, *A Batalha*, pp. 268-270.

Comentário

É evidente, hoje, à luz de estudos atuais, com apoio em fontes primárias até agora disponíveis que ao general Alvear marchar, na noite de 18/19 do Passo do Cacequi para o do Rosário e, ao contramarchar do último para a coxilha do Olho de Água na noite de 19/20 fev., não objetivou surpreender o Marquês de Barbacena, mas sim, no primeiro caso, antecipar Barbacena na travessia do Passo do Rosário.

rio e, no segundo caso, como única alternativa sensata, oferecer batalha a Barbacena, na melhor posição possível, obrigado pela circunstância adversa do rio estar invadeável.

Interpretação com apoio em: FRAGOSO. A Batalha, pp. 268-270. SOUZA JUNIOR. Caminhos, pp. 62-65. DIAS, Antonio. PACHECO, Angelo, SOLER e ALVEAR (declarações) in: SOUZA JUNIOR. Caminhos, p. 66.

As fontes primárias argentinas e uruguaias sobre a Batalha do Passo do Rosário ou Ituzaingó são raras.

O general Alvear em sua Exposición ao Congresso, em 1827, declarou que simulou uma retirada pelo Passo do Rosário para atrair o inimigo e batê-lo em local previamente escolhido.

Em 1832 Alvear teria declarado ao general Eugênio Garzón:

"Não posso olvidar que todos nossos generais eram de parecer que enfrentássemos o inimigo na *planura traidora*, da margem ao de Santa Maria. Deve o Sr. vangloriar-se de haver julgado muito bem o que devia ser feito e o que se fez" (SOUZA JUNIOR. Caminhos p. 67).

É possível que a publicação de outros depoimentos de participantes uruguaios e argentinos, ainda inéditos, venham confirmar, ou não, as declarações de Alvear em sua Exposición.

A Batalha entre os dois exércitos era inevitável. Nenhum dos dois generais tinha condições morais de evitá-la. Alvear, a partir de Bagé, passou a adiá-la e procurar melhores condições para tirar vantagens de sua superioridade em Cavalaria, após refazer também sua cavalcada. Se correu risco ao marchar para o Passo do Rosário e encontrá-lo invadeável, minimizou risco maior. Ou seja, o de gastar mais tempo na travessia do Passo Simão, dando assim maior tempo a Barbacena, para com o concurso de Bento Manuel tentar:

- Impedir-lhe atingir ou de usar as ricas pastagens de Saicán.
- Impedir-lhe sua travessia do rio Santa Maria, confinando-o em área de pobres pastagens.
- Cortar-lhe a retirada na direção de Santana, para áreas favoráveis de emprego de sua Cavalaria.
- Fazer-lhe travar batalha com todo o Exército inimigo.

O estudo da Batalha do Passo do Rosário ou Ituzaingó, já completa 150 anos. Não pretendemos com nossa interpretação esgotar o assunto que acreditamos continuará sendo estudado no futuro, como o foi até agora, através do processo de aproximações sucessivas.

SITUAÇÃO DOS EXÉRCITOS

A - Organização, efetivo, composição e valor

1. Organização Exército do Sul (BARBACENA)

- a. Efetivo estimado: 7.800 combatentes
- b. Composição e valor

1.ª Divisão de Infantaria (Divisão Callado)

- 2.ª Bda Infantaria (Brigada Leite Pacheco)
 - 13.º BI (Ten. Cel. Moraes Cid) (*Bahia*)
 - 18.º BI (Ten. Cel. Lamenha Lins) (*Pernambuco*)
- 3.ª Bda Cavalaria (Brigada Barbosa Pita)
 - 6.º RC (1.ª Linha) (Maj. Barbosa Pita) (*Montevideú*)
 - 20.º RC (2.ª Linha) (Cel. J. da Silva) (*Porto Alegre*)
 - Esqd. Cav. (Ten. Cel. Pinto Garcez) (*Bahia*)
- 4.ª Bda. Cavalaria (Cel. Tomas da Silva)
 - 3.º RC (1.ª linha) (Ten. Cel. Xavier de Souza) (*São Paulo*)
 - 5.º RC (1.ª linha) (Ten. Cel. Felipe Neri) (*Rio Pardo*)

2.ª Divisão de Infantaria — (Divisão Sebastião Barreto)

- 1.ª Bda. Infantaria (Bda. Leitão Bandeira)
 - 3.º BI (Maj. Crisostomo da Silva) (*Rio de Janeiro*)
 - 4.º BI (Ten. Cel. Freire de Andrade) (*Rio de Janeiro*)
 - 27.º BI (alemães) (Ten. Cel. Wood Yeats) (*Rio de Janeiro*)
- 1.ª Bda. Cavalaria (Bda. Egidio Calmón)
 - 1.º RC (1.ª linha) (Maj. Silva Cabral) (*Rio de Janeiro*)
 - 24.º RC (2.ª linha) (Maj. Severiano Abreu) (*Missões*)
- 2.ª Bda. Cavalaria (Bda. Araujo Barreto)
 - 4.º RC (1.ª linha) (Ten. Cel. Pereira Pinto) (*Rio Grande*)
 - 40.º RC (2.ª linha) (Ten. Cel. Barbosa — Iumarejos) (*Santana*)
 - Esqd. Lanceiros (alemães) (Cap. von Quast) (*Rio de Janeiro*)

1.ª Brigada de Cavalaria Ligeira (Cel. Bento Manuel)

- 22.º RC (2.ª Linha) (Cel. Medeiros Costa) (*Rio Pardo*)
- 23.º RC (2.ª Linha) (Maj. Dutra) (*Alegrete*)
- Companhias de Guerrilhas (irregulares) (*Rio Grande do Sul*)
- Companhias de Lanceiros (irregulares) (*Rio Grande do Sul*)

2ª Brigada de Cavalaria Ligeira (Cel. Bento Gonçalves)

- 21º RC (2ª Linha) (Major Soares da Silva) (*Rio Grande*)
- 39º RC (2ª Linha) (Ten. Cel. Calderón) (*Cerro Largo ou Mello*)

Corpo de Voluntários (Marechal Abreu)

- 560 civis mal armados, agrupados em 11 companhias de guerrilhas e recrutados nas regiões atuais de *Torres, Osório, Santo Antonio da Patrulha e Gravataí* pelo Marechal Abreu.

- Divisão de Cavalaria (Cel. Servando Gomez)
 - RC de Dragões Orientais
 - Unidades de Guerrilhas avulsas

2º Corpo (Gen. ALVEAR) (Argentina)

- Divisão de Cavalaria Brandsen
 - 1ª RC (1ª Linha) - (Cel. Brandsen)
 - 3ª RC (1ª Linha) - (Cel. Angelo Pacheco)
 - Esqd. Cav. (alemães) - (Cel. von Heine)
- Divisão de Cavalaria Lavalle
 - 4ª RC (1ª Linha) - (Cel. Lavalle)
 - RC de las Conchas - (2ª Linha) - (Cel. Vilela)
- Divisão de Cavalaria Zufriátegui
 - 8ª RC (1ª Linha) - (Cel. Zufriátegui)
 - 16ª RC (1ª Linha) - (Cel. Olavarría)
 - Esqd. Cav. de Coraceros (1ª Linha) (Cel. Anacleto)

3º Corpo (Gen. Soler) (Argentina)

- Divisão de Infantaria - Olazábal
 - 1ª BI (Ten. Cel. Manoel Correia)
 - 2ª BI (Cel. Ventura Alegre)
 - 3ª BI (Cel. Eugênio Garzón)
 - 5ª BI (Ten. Cel. Antônio Dias)
- Divisão de Cavalaria Paz
 - 2ª RC (1ª Linha) (Cel. José Maria Paz)
 - Esquadrão de Atiradores (2ª Linha) (Ten. Cel. Medina)
- Artilharia (Cel. Thomaz Iriarte)
(16 peças)
Regimento de Artilharia Ligeira - Cel. Iriarte
 - 1º Grupo - (Maj. Argerich)
 - 1ª Bateria (Cap. Chilavert)
 - 2ª Bateria (Cap. Nazar)
 - 2º Grupo (Maj. Vasques)
 - 1ª Bateria (Cap. Muñoz)
 - 2ª Bateria (Cap. Pirán)
- Grupamento Logístico - Cel. (frade) Luíz Beltrán.
Cerca de 350 homens

c. Efetivo estimado de combatentes em condições de participar da Batalha em 20 Fev.

COMBATENTES	NÚMERO	%
— Comando do Exército	130	23
— Infantaria	1.900	
— Cavalaria 1ª Linha — 3.600	5.400	67
2ª Linha — 1.800		
Civis Guerrilheiros	200	
— Artilharia	500	
TOTAL	8.130	100

Ver FRAGOSO pp. 248-249.

Comentário: O Exército do Sul possuía o equivalente a 13 RC, 5 BI e 4 Bías de Artilharia. Dos 13 RC mais de 50%, ou 7 RC, eram tropas de milícias ou de 2ª linha, recrutados no Rio Grande do Sul. A maior contribuição veio do Rio de Janeiro: 3 BI, 1 RC (o atual RCG ou Dragões de Brasília), 1 Grupo de Artilharia e um Esqd. de Lanceiros. Pernambuco foi representado pelo 13º BI, Bahia pelo 18º BI e São Paulo pelo 3º RC.

O Exército Republicano possuía o equivalente a 13 RC, 4 BI e 4 Bías de Artilharia. Dos 13 RC mais de 50% era tropa de 1ª linha, ou cerca de 9 RM.

Segundo FREJEIRO. *La Batalla* (p. 108), no Exército de ALVEAR estavam representadas todas as províncias argentinas. Os soldados em sua maioria eram recrutas. Os oficiais, afora os alferes, ou eram reformados que retornaram à atividade promovidos, ou originários do antigo Exército dos Andes que foram retornando do Perú após Ayacucho. A Infantaria em sua maioria era constituída de velhos soldados negros.

O Exército de BARBACENA possuía uma superioridade em Infantaria de cerca de 2.400-1.900-500h sobre a do Exército de ALVEAR, ou de cerca de 26%.

Por outro lado, ALVEAR possuía uma superioridade quantitativa em Cavalaria de 5.400-4.500-900h sobre BARBACENA ou cerca de 20%, além de qualitativa, no sentido de predominância de tropas de 1ª linha 9 RC x 5 RC.

Interpretação sobre organização com apoio em: BALDRICH. *La Guerra del Brasil*. FREJEIRO. *La Batalla* pp. 108-110. FRAGOSO. *A Batalla*. pp. 242-251 e WIDERS-PHAN. *A Campanha*. pp. 220-230.

B — Lideranças

Exército do Sul: Comandante: Tenente-General Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena. Nasceu em 19 de setembro de 1772 no arraial de SÃO SEBASTIÃO—MG. Ao assumir o comando do Exército do Sul possuía 54 anos. Estudou em Lisboa no Colégio dos Nobres e após na Academia da Marinha. Após breve carreira na Marinha transferiu-se para o Exército, como major, quando

serviu 2 anos em Angola. Em 1801, com 27 anos, após retornar da África como tenente-coronel da guarnição de Salvador, ali casou-se com a filha de abastado comerciante.

Conciliando a vida militar com grandes empreendimentos comerciais e agrícolas, retornou a Lisboa de onde teve de voltar com a Família Real em 1808. Em 1811 era Brigadeiro e Inspetor Geral da Guarnição da Bahia. Em 1817 era Marechal de Campo. Em 10 Fev. 1821, por atitudes francamente favoráveis à Independência, escapou por um milagre, com vida, de motim contra ele levado a efeito por militares portugueses. Na Inglaterra, como diplomata prestou relevantes serviços à Independência do Brasil, inclusive no recrutamento de militares que completassem os claros de nosso Exército. De volta, foi Ministro do Interior, por duas vezes, e da Fazenda. Sua nomeação como comandante do Exército do Sul foi encontrá-lo senador por Alagoas. Segundo Plynio Carvalho "Barbacena não era um homem de guerra. Nele o diplomata sobre-elevava, em muito, o militar". Barbacena não conhecia antes o meio em que iria atuar e comandar. E foi muito hostilizado como se verá.

Marechal Henrique Brown: Nasceu na Alemanha em 1775. Não frequentou Academia Militar. Como coronel, a serviço da Inglaterra, lutou contra a Espanha. Como Marechal de Campo lutou contra Napoleão a serviço de Portugal, ou a serviço da Legião Anglo-Alemã, para restaurar os Braganças em Portugal. Foi contratado pelo Brasil em 1826 e enviado para o Rio Grande para assessorar diretamente o Marquês de Barbacena. E assumiu suas funções 11 dias antes da batalha e dele escreveu um oficial brasileiro: "Todos os dias pela manhã e a tarde tínhamos exercícios, tanto de Infantaria como de Cavalaria. E começou o Chefe de Estado-Maior a tornar-se impopular pelas suas maneiras ásperas".

Brown tinha então 51 anos. Era profissionalmente competente. Mas pouco era o tempo que dispôs para instruir o Exército. Além disso sua ação encontrou forte barreira sociológica, no Exército do Sul. Posteriormente deixou o Exército do Sul que inclusive comandou, por uma série de intrigas. Respondeu Conselho de Guerra em que provou o acerto de suas medidas técnicas.

Brown como Chefe do Estado-Maior seria encarregado "de todas as providências relativas à disposição das tropas" e, segundo o general Soares Andréa, "Brown em um dia em que ensaiava posições do Exército do Sul, entusiasmou-se tanto que lhe deu a impressão já ser o Comandante-em-Chefe, não tendo para com Barbacena atenção alguma". Brown era um técnico em Infantaria e muito bom tático. Na campanha de Jaguarão revelou muito boa visão estratégica. Vieram com Barbacena do Rio de Janeiro e, sem experiência militar no Teatro de Operações, o brigadeiro Soares Andréa, Cunha Matos e, o coronel Tomé Fernandes Madeira, como comandante de Artilharia. Posteriormente, a menos de 15 dias da batalha, recebeu o reforço do general João Crisóstomo Calado, cunhado dos orientais Manuel e Inácio Oribe e hábil e competente comandante de Infantaria, conforme mostraria na batalha.

Como lideranças locais contava-se com os marechais Sebastião Barreto e José de Abreu e coronéis Bento Gonçalves da Silva e Bento Manoel Ribeiro. Todos

foram hábeis na guerra de guerrilhas na região desde o tempo do Exército de Observação da Banda Oriental em 1811. Abreu, de tenente-coronel legendário por ocasião da Independência, após sua proclamação foi guindado a marechal e comandante de Armas, funções que exigiam conhecimentos militares estratégicos que lhe faltaram, traduzidos pelos insucessos de Sarandi e Rincón de Las Galinas.

Exército Republicano: Comandante-Brigadeiro-General D. Carlos Maria Alvear. Possuía 39 anos na ocasião. Nascera no ambiente fisiográfico em que conduziria o Exército Republicano. Ou seja, em Santo Angel de La Guardia, junto ao Sete Povos das Missões do outro lado do rio Uruguai. Seu pai viera com Ceballos em 1777 e em 1783 era nomeado demarcador espanhol da segunda partida. Nesta condição residiu alguns anos nas Missões Orientais Jesuíticas. Em 1801 quando seu filho possuía 14 anos recolheu-se a Buenos Aires. Em 1814 com 27 anos, vamos encontrar o general Carlos Alvear comandando o cerco de Montevideu, em substituição a Rondeau e movendo guerra contra Artigas. A seguir participou das operações do Exército do Alto Peru. Atingiu o alto posto de Diretor Supremo de onde foi derrubado pela revolução de Alvarez Thomaz, refugiando-se no Brasil, Rio de Janeiro, por longo tempo, onde conheceu muito de nossos chefes e a situação e ambiente militar do Brasil.

Antes da invasão do Rio Grande em 1826, vinha desempenhando o cargo de Ministro da Guerra da Argentina. Possuía muita boa formação e vocação militar e admirável visão militar estratégica. Conhecia muito bem os argentinos, os orientais e identificava-se com as raízes mentais dos mesmos.

Segundo Wiedersphan "no Exército Republicano se achavam os mais brilhantes oficiais das campanhas da Independência dos Andes e Peru: Cel. Olavária, Cel. Olazábal, herói de Pechincha 1822, Cel. Brandsen herói das guerras de Napoleão I, por quem fora condecorado e ex-general do Peru e oficiais nascidos na França que haviam combatido com Napoleão e adquirido com ele valiosos conhecimentos de Arte e Ciência Militar que transferiram para o Exército Republicano.

Comentário: As lideranças do Exército Republicano estavam melhor preparadas para travar uma batalha clássica. Possuíam experiência adquirida em batalhas clássicas travadas nas campanhas dos "Andes e do Peru, nas guerras de Independência".

Contaram, por outro lado, com o concurso de competentes oficiais que haviam participado do comando de Napoleão I de batalhas clássicas na Europa. Alvear era um profissional militar capaz de bem organizar, equipar, instruir e empregar um Exército. Barbacena ao contrário, sua vida militar resumira-se a problemas de guarnição de Salvador, onde fez sua carreira. Nele o empresário, o diplomata e o político falavam mais alto. Brown não teve tempo de compensar essas deficiências em 11 dias de ação. Era estranho a área e aos costumes da mesma. Bento Gonçalves, Bento Manoel não tinham vivência de batalha clássica. Em Sarandi isto ficou evidenciado. O mesmo se poderia dizer de Barreto e de Callado, embora valentes oficiais e bons líderes no campo tático.

Substituiu o Marechal Abreu no comando do Exército do Sul, após os desastres de Sarandi e Rincón de las Galinas e nele permaneceu de 3 de fevereiro de

1826 — 11 de janeiro de 1827, o General Francisco de Paula Massena Rosado. Viera para o Brasil como tenente-coronel comandante do 2º BC da Divisão de Voluntários de El-Rei que ao comando de Lecór invadiu e incorporou o atual Uruguai com a Província Cisplatina ao Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarve, em 1821. Aderiu à Independência do Brasil e auxiliado por alguns oficiais desarmou seu batalhão que pretendia opor-se à Independência do Brasil, na Cisplatina. Como General, não esteve a altura da missão. Segundo Tasso Fragoso "seu comando se caracterizou pela mais completa inépcia". Concentrou tropas junto a Santana do Livramento que denominou pomposamente Acampamento Imperial Carolina. . . O Império não se poupou esforços para ministrar a Rosado todos os meios. Mas parece que faltavam a ele, definitivamente, as qualidades próprias de um espírito organizador". Rosado e seu colega, o brigadeiro da Barbuda, Presidente do Rio Grande do Sul, mantiveram desinteligência funesta para o Exército do Sul e perderam tempo precioso em discussões estéreis, enquanto Alvear preparava, em Arroio Grande, o Exército Republicano, ao abrigo de magníficas instalações.

O comando de Rosado, segundo Machado de Oliveira, foi um ano de "privações, dor e sofrimentos com inimitável constância e resignação, do que resultou um vazio considerável nas fileiras dos combatentes".

Barbacena ao chegar ao Rio Grande para assumir o comando, o que efetivamente ocorreu quarenta dias antes da batalha, escreveu a D. Pedro I dizendo o que encontrara: "Um Exército nu, descalço e sem munição de guerra e boca (alimentos) sem remédios, cavalos e reduzido, depois de um ano, a mais humilhante defensiva. . .".

Interpretação com apoio em: FRAGOSO. A Batalha, pp. 203, 207, 210, 213, 214, 305. WIEDERSPHAN. A Campanha, pp. 131, 139, 152, 158, 181. DIAZ. Campaña, pp. 65-66. BARRETO. Bibliografia, pp. 30-31 e BENTO. Estrangeiros (Brown).

C — Experiência anterior de combate

Exército do Sul: Somente as tropas da Província do Rio Grande, possuíam alguma experiência recente de combate na região, adquirida nas guerras contra Artigas 1816-21, predominantemente de guerrilhas.

A Infantaria, no total de 5 BC, provinha da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Barbacena não tinha experiência de combate. O Marechal Abreu e os coronéis Bento Gonçalves e Bento Manuel Ribeiro haviam se destacado na guerra de guerrilhas contra Artigas 1816-21 como já referimos.

Exército Republicano: Alvear como a maior parte de seus oficiais possuíam experiência de combate nas guerras da Independência (1808-1824). Os soldados eram recrutas. Ao assumir em 26 dez. 1825 o comando do Exército em Arroio Grande, Alvear em sua proclamação declarou: "Confiar em que seriam vencidas as dificuldades pela coragem de todos, pois, as grandes fadigas e sacrifícios eram estímulos poderosos para velhos soldados da Independência". Muitos chefes haviam integrado os exércitos de Bolívar e San Martim.

Comentário: Predominavam no Exército Republicano oficiais com experiência em guerra convencional e soldados recrutados na região fisiográfica da Bacia do Prata, onde se situava a região da Batalha do Passo do Rosário. No Exército do Sul era o contrário.

Interpretação com apoio em: FREJEIRO. *La Batalha*. p. 108 e ROTTJER. *Las operaciones*. p. 11. WIEDERSPHAN. p. 163.

D — Instrução

Exército do Sul: Formou-se em marcha para a batalha. O contingente proveniente de Santana teve sua instrução completamente descurada, durante um ano, por Massena Rosado. O contingente de civis de Abreu não recebeu nenhuma instrução, bem como o do coronel Bento Manuel. A brigada de Bento Gonçalves foi instruída pelo então major Caldwell.

O contingente proveniente de Pelotas recebeu alguma instrução ministrada por Brown.

Somente a 6 fev. "planejou-se nesta tarde uma manobra de todo o Exército do Sul, na posição de Palmas. Porém ela fracassou totalmente e isso me suscitou receios apreensões para o dia da batalha", segundo Seweloh.

Dita manobra conduzida pelo Marechal Brown, recém chegado, causou negativa reação nos oficiais e tropa, que desconheciam aquelas práticas e não se sujeitavam a medidas de coordenação e controle.

Segundo Paula Cidade, "naquela época os exercícios militares eram abominados, ao ponto de algumas unidades se amotinarem, alegando excesso de trabalho.

Os melhores comandantes formavam os seus batalhões uma ou outra vez. Neste dia era um Deus nos acuda! Os oficiais, aos gritos, lançavam-se para a frente e arrastavam os soldados pelo exemplo, para passar de uma formação para outra".

A instrução de Infantaria consistia na execução de mudanças de formação, ordenadas por dez ou mais vozes de comando diferentes, que deviam ser guardadas de cor. A de Cavalaria obedecia os mesmos esquemas, além do ataque em carga. Carregar em ordem, atacar e recuar em desordem, reorganização e voltar a atacar e, assim, sucessivamente. A tropa de Abreu não possuía instrução. A da Artilharia consistia em engatar e desengatar armas e atirar. Os exercícios eram raros e a falta de munições crônica. Somente no dia 6 de fevereiro, há 14 dias da Batalha do Passo do Rosário, foi possível tentar-se um exercício de conjunto do Exército do Sul para coordenar-se tropas tão desuniformes que chegavam de diversos locais e se uniam em marcha para o combate.

Exército Republicano: As Províncias Unidas (Uruguai e Argentina) dispenderam mais de um ano para recrutar, organizar e instruir um Exército de cerca de 12.000 homens. O general Alvear, proveniente da função de Ministro da Guerra da Argentina, esteve a frente do Exército Republicano 5 meses e 20 dias antes da Batalha do Passo do Rosário. Este tempo foi valioso para que oficiais veteranos transformassem soldados recrutas bisonhos em soldados e com "a nobre emulação da juven-

tude guerreira, coberta já, com os louros das lutas da Independência", segundo Acevedo Dias.

Comentário: O Exército Republicano foi melhor instruído do que o do Sul. Alvear assumiu o comando quase cinco meses antes da batalha, ao contrário de Barbacena, que assumiu 40 dias antes da mesma. Barbacena herdou de Massena Rosado uma tropa nas piores condições de moral, instrução, equipamento e cavalhadas. Somente pôde contar com todo o Exército do Sul reunido, após 5 de fevereiro, há 15 dias da Batalha do Passo do Rosário. Portanto, o Exército Republicano teve 4 meses de vantagem de instrução pelo respectivo comandante, do que o do Sul. Aqui acreditamos resida o ponto mais forte do Exército Republicano e o mais fraco do Exército do Sul. Colocados em confronto em Passo do Rosário ou Ituzaingó, resultou em sensível vantagem para o Republicano. Barbacena não teve tempo para instruir o Exército do Sul. Massena Rosado não usou para instruir o Exército do Sul, o ano de triste lembrança em que permaneceu inativo em Santana.

Interpretação com apoio em: SEWELOH. *Reminiscências*, p. 54. CIDADE, *Soldado de 1827*. CIDADE, *Lutas*, pp. 280, 287. FRAGOSO. *A Batalha*, pp. 204-207-250. FREJEIRO. *La Batalha*, p. 108. SOUZA JUNIOR. *Caminhos*, p. 52 e ACEVEDO DIAZ. *Campanha del Brasil*, p. 68.

E — Disciplina

Exército do Sul: Vigorava o regulamento de 1763 do Conde de Lippe, abrandamento do de 1708. Um dos castigos mais violentos era o de surrar com a prancha da espada. O arbítrio dos comandantes foi limitado por julgamentos em Conselhos de Guerra que aplicavam penas desde surras, prisão perpétua, com correntes de ferro nos tornozelos, até pena de morte. As condições locais do Rio Grande do Sul concorriam para abrandar a letra fria dos regulamentos. As deserções em lutas anteriores e mesmo na conjuntura vivida pelo Exército do Sul, não eram punidas com rigor. Durante toda a Campanha do Exército do Sul, sob Barbacena, não se registrou nenhuma execução de morte ou castigo mais violento. Segundo Cidade, "a deserção já não acarretava perigos para o desertor, mas proporcionava lucros pela venda do cavalo com arreios e tudo. Os desertores chegaram a ser tão numerosos que era impossível processá-los. . . as chicanas dos quartéis e influências político-partidárias promoviam as absolvições mais escandalosas". Tudo isto era um incentivo à deserção impune. Na época, a primeira deserção era punida com 60 chibatadas e a segunda com 160, de acordo com Portaria de 3 set. 1825.

Exército Republicano: A deserção em suas formas mais graves eram punidas com fuzilamento ou degola. Segundo o Diário do Exército: 9 de janeiro, após julgamento verbal por Conselho, exposição durante horas a tropa, foram fuzilados perante a mesma, 7 réus de deserção. Dia 2 mar., idem, fuzilado, independente de julgamento, réu reincidente.

Comentário: Havia a maior rigidez disciplinar no Exército Republicano do que no do Sul. No primeiro, os crimes mais graves, incluindo deserção, foram punidos com fuzilamento ou degola, após julgamento sumário e verbal em campanha, podendo os reincidentes serem condenados a morte sumariamente. No segundo, os

mesmos crimes, além de processo escrito, mereciam nos casos mais graves surras de 60 a 100 chibatadas. Observou-se, por outro lado, que o general Alvear foi contestado em suas decisões e autoridade, mais de uma vez por alguns de seus oficiais graduados, chegando um grupo mais ousado tentar destituí-lo do comando na véspera de Passo do Rosário, além de atuarem na mesma com bastante independência e iniciativa, ao ponto do general Paz dizer que ela poderia chamar-se *A Batalha das desobediências*. Por outro lado não veremos em nenhum momento a autoridade do Marquês de Barbacena ser contestada por seus oficiais.

Interpretação com apoio em: CIDADE. Lutas. pp. 238-239-285. FRAGOSO. A Batalha. pp. 316-406. DIAS, Acevedo. La Campaña.

F — Forças Morais

Exército do Sul: Os soldados do Exército do Sul e particularmente os rio-grandenses não viam muita justa causa na guerra que travavam com o Republicano antes de ele invadir o Rio Grande. Há pouco o Brasil havia se tornado independente. Não compreendiam terem de lutar com a Província Cisplatina que procurava tornar-se independente. Segundo Tasso Fragoso, "só utilizamos nossas armas com coragem e resolução, sob a inspiração de grandes ideais. . . Todo o país clamava contra o sentimento imperialista de D. Pedro I. Havia por toda a parte a mágoa do conflito e o desejo de lhe por termo. O povo desinteressava-se pela guerra nos páramos do Sul, onde ninguém desejava prestar o concurso de seu esforço e para onde muitos se encaminhavam recrutados pela violência. A guerra era positivamente impopular. . . Apenas conseguimos reunir uma fração insignificante dos numerosos recursos de que dispúnhamos, o que não aconteceria, se a nação inteira percebesse do conflito, outros motivos que não os de disfarçada conquista territorial".

Segundo Elizyo de Carvalho, "esta guerra não podia ser mais antipática aos brasileiros. A conquista da Cisplatina por D. João VI, fora feita contra o sentimento dos brasileiros. E a atual guerra vai correr por conta de D. Pedro, tendo contra si o protesto moral da nação".

Segundo o marechal Andréa, "a opinião pública do Brasil seguia com reservas e até protestos a marcha dos acontecimentos militares. . . Soavam vozes na imprensa contra os abusos do recrutamento e a situação indefesa da costa. . . Tornava-se geral a impressão de que a Coroa insistia em lançar-nos em uma aventura contrária aos sentimentos de justiça e aos interesses reais do país.

O Marquês de Barbacena chegou ao Rio Grande precedido de uma série de boatos fomentados por antigos generais portugueses radicados no Rio Grande e Cisplatina que haviam aderido à Independência e, por alguns chefes rio-grandenses. Tornava-se difícil para alguém não inclinar-se para um desses partidos.

Barbacena "tinha que lutar com cada soldado, cada oficial e cada habitante e, a sua máxima preconcebida, era a de não aceitar de nenhum morador nem uma colher de farinha, um ovo, uma galinha, uma refeição frugal, um convite, uma pouxada, sem primeiro perguntar-lhe pelo preço e, em princípio, pagar em contado. Isto

alheiou dele as simpatias dos hospitaleiros moradores do Rio Grande, levantando cada vez mais a muralha de separação, que nunca deveria ter surgido". Dizia-se dele no Rio Grande: "Faz pouco, além disso das pequenas dádivas, da nossa amabilidade hospitaleira. É mais orgulhoso do que o Imperador que não fazia isto".

Segundo Seweloh a atitude de Barbacena de querer indenizar tudo que fosse fornecido pelos rio-grandenses foi mal interpretada. Existiam no Rio Grande homens abastados, que além de hospitaleiros, por tradição e natureza, sentiam-se ofendidos, por julgar que Barbacena confundia com taverneiros, movidos somente por interesses de lucro".

Este sistema de Barbacena passou a ser censurado de todos os lados. E o não entendimento da hospitalidade rio-grandense valeu-lhe grande impopularidade.

A idéia republicana estava mais profunda do que se pensa, entre as lideranças militares rio-grandenses, particularmente milicianas. Alvear era líder maçom da linha vermelha ou francesa, favorável à República Constitucional e que se opunha à linha azul ou inglesa, favorável à Monarquia Constitucional. Na Argentina encontravam-se refugiados brasileiros da linha vermelha ou francesa, acusados de manobrar para que D. Pedro I, Grão Mestre da Maçonaria do Brasil, jurasse constituição e fosse mais longe — proclamasse a República do Brasil. Este fato provocou o fechamento da Maçonaria na época e a prisão de alguns dos principais líderes brasileiros da linha francesa ou vermelha, seguida de evasão da prisão de alguns, como o padre Antonio Caldas para a Argentina. Ali foi chefe da imprensa de Alvear. Após, teria estado em Passo do Rosário, onde teria feito para Alvear proclamações dirigidas aos brasileiros.

O padre Caldas, alagoano, estudou no seminário de Olinda. Em Pernambuco impregnou-se na Revolução de 1817, do ideal republicano de inspiração da maçonaria vermelha ou francesa. Após destacada atuação na Independência em Alagoas, foi eleito deputado à Assembléia Constituinte. Junto com outros líderes maçons criou sério incidente mencionado que culminou com sua prisão e fuga para a Argentina e o fechamento da Maçonaria por D. Pedro I.

Em 1836, por ocasião da Proclamação da República Rio-Grandense, por líderes rio-grandenses da maçonaria vermelha ou francesa, o padre Antônio Caldas encontrava-se junto a Jaguarão e do outro lado da fronteira. E Jaguarão foi o primeiro a aderir a República através de sua Câmara.

Este entendimento é importante, pois o ideal republicano difundido no Prata através da maçonaria vermelha ou francesa, inclusive por brasileiros, por ocasião da batalha do Passo do Rosário, germinava entre muitos rio-grandenses. Ele acentuou-se após Passo do Rosário, na campanha do Jaguarão e na invasão de Rivera das Missões, conforme prova Wiedersphan em trabalho inédito. O regimento das Missões que fez triste figura em Passo do Rosário, aderiu totalmente à idéia republicana mais tarde. Isto explica a razão de San Martim haver se retirado da reunião em Lima—Peru, diretamente para a Europa, por ter sido voto vencido sobre o destino da América Espanhola. Defendia a linha inglesa ou azul — Monarquia Constitucional e Bolívar a linha francesa ou vermelha — República Constitucional.

Pelo mesmo motivo os serviços de San Martim a Argentina, foram recusados quando da Guerra Cisplatina. Segundo ainda Wiedersphan, calcado em informações de brasileiros no Prata, as invasões do Rio Grande, por Alvear em 1827, por Rivera e Lavalleja em 1828 esperavam contar com o apoio e adesão de muitos rio-grandenses. E isto está bem claro, segundo prova de Wiedersphan na invasão de Rivera nas Missões. O 24.º Regimento de Cavalaria de 2.ª linha, de triste atuação em Passo do Rosário, aderiu ao ideal republicano nas Missões, com Rivera.

Este estado de coisas influiu no moral do Exército do Sul, quanto à justiça da causa pela qual lutava. Havia divisão de sentimentos, apoiar-se o Brasil monárquico ou favorecer a Argentina republicana e com apoio desta trazer a República ao Brasil. E Barbacena em sua parte de combate assim referiu ao moral: "O Exército Republicano devastava o país (Rio Grande) o que excitava os queixumes e a murmuração da Província do Rio Grande contra o Exército do Sul. Estas murmurações não contaminaram o Exército enquanto não atingiu 7.000 homens. Mas, desde então, entrou uma espécie de frenesi geral por atacar o inimigo, tomando os soldados, contra a minha resistência, a medida de desertarem aos vinte por dia, dizendo que como general eu não queria atacar o inimigo e defender o Rio Grande. Sendo assim, eles iriam defender as suas casas e famílias. . . Julguei então acertado aproximar-se do inimigo, a fim de tirar partido de tanta valentia e boa vontade, antes que me deixassem reduzido às tropas de linha.

A cobardia no combate não correspondeu à arrogância anterior. No meio de tantos crimes brilharam os regimentos de Lunarejos e a Brigada de Bento Gonçalves". Barbacena em sua Ordem do Dia sobre a batalha diz ter havido 1.900 deserções no início da luta. Por outro lado, Seweloh descreveu que na hora da batalha "deu trabalho conter o Exército do Sul, pois cada uma de suas unidades queria lançar-se isoladamente na batalha".

Exército Republicano: O moral do Exército Republicano era alimentado basicamente pelo ideal de independência com república do último país da América do Sul de língua espanhola, a ser libertado e, no caso, de um Império. Esta idéia força contava com a simpatia velada de lideranças rio-grandenses do Exército do Sul e o apoio de brasileiros incorporados no Exército Republicano.

Havia entre os chefes do Exército Republicano animosidades contra Alvear, polarizadas por Lavalleja, coronel Juan Gallo Lavalle, Brandsen Pacheco e outras de menor monta, tais como o coronel Mansilla e alguns chefes provenientes dos exércitos libertadores de San Martim e Bolívar. Estas animosidades estiveram exacerbadas em Bagé. Em 4 fev. 27, elas foram postas de lado. Em 19 fev. 27 elas atingiram o ponto crítico, quando o coronel Lavalle propôs a destituição de Alvear do comando do Exército Republicano. Mas foram superadas na hora da batalha.

Comentário: O moral do Exército Republicano pode ser considerado bom. Tudo indicava que havia convicção da justeza da causa pela qual lutava — A independência com república de um Império, da última nação com língua espanhola na América do Sul.

O moral do Exército do Sul era afetado pela impopularidade da causa no Brasil, dúvidas na justiça da mesma e influência dos ideais republicanos, difundidos

entre as lideranças militares rio-grandenses pela maçonaria vermelha. Bento Gonçalves da Silva era dessa linha, bem como muitos rio-grandenses que 9 anos após liderariam a Revolução Farroupilha. Mas Bento Gonçalves soube colocar o problema abaixo de seu sentimento de brasilidade.

Isto explica, antes da Revolução Farroupilha, o vai-e-vem do Conde Títo Lívio Zambecari entre Buenos Aires e Porto Alegre.

Alvear trouxe em seu Exército uma unidade simbólica constituída por brasileiros, embalados do desejo de libertar o Brasil da Monarquia.

Para alguns, entre apoiar o Brasil monárquico era preferível apoiar a idéia republicana cristalizada pela Argentina. E, com o apoio desta, estender a República a todo o Brasil.

O desastrado acampamento de Rosado, em Santana, afetou o moral das tropas brasileiras que lá estacionaram, bem como as murmurações gerais contra a liderança de Barbacena, impopularizado no Rio Grande, por motivos já descritos.

Interpretação com apoio em: FRAGOSO, A Batalha, pp. 323 e 407. CIDADE, Lutas no Sul, p. 288 e O Soldado de 1727. WIEDERSPHAN, A Campanha de Ituzaingó, pp. 134, 139, 147, 152, 163, 165 e 239. e a Guerra Cisplatina (Inédito). DIAS, Acevedo, A Campanha. SEWELOH, Reminiscências. BARBACENA e BROWN, Partes de Combate. in: FRAGOSO, A Batalha, pp. 406-412. BROWN, Defesa e relatório in: RIGHRGS, 1926. pp. 197-294 e TABORDA, A invasão argentina.

G — Cavalhadas

Exército do Sul: Segundo Seweloh, "Tendo o Exército do Sul mais de 4.000 homens de Cavalaria, foram cortadas as orelhas direitas de 30.000 cavalos, sem que por isso tivéssemos cavalos bons de montaria, nem por oito dias uma montaria suportável. Os cavalos são conduzidos na vanguarda, flancoguardas e retaguarda do Exército do Sul e, nesta, em maior quantidade. Eles não têm descanso nem espaço para encontrar alimentação suficiente. A grama por si só não ministra forças. Nenhum cavalo é tratado. . . Em poucos dias centenas deles ficam extenuados após percorrerem poucas léguas. E este mal progride de modo assustador. Acostumados a grama, os cavalos emagrecem sensivelmente. . . Passam-se dias sem que recebam água e, quando a encontram, só bebem impelidos pela violência das bordoadas. A guarda da cavallhada exige numeroso pessoal que não participa dos combates, por estranho ao serviço militar, mas tem de ser reforçados, porque o adversário ataca as cavallhadas, em razão de sua importância. . . Seweloh conclue dizendo que usando o método de substituições sucessivas de cavalos em marcha, "as cavallhadas do Rio Grande já teriam desaparecido, se desde o princípio tivessem manobrado naquela campanha exércitos do porte do Republicano e o do Sul".

A certa altura, à luz dessa realidade, escreveu sobre os cavaleiros da região e a Cavalaria resultante a base de cavalos chucros.

"Admito serem bravos, ágeis e adestrados os cavaleiros, mas ninguém chamará boa aquela Cavalaria que monta em animais chucros."

Barbacena ao assumir o Comando em Santana encontrou a pé as tropas ali acampadas.

Em 14 Jan. declarou em ofício: Dos 14.708 cavalos recebidos de Rosado, somente 18 encontravam-se em condições de serviço. Em 16 fev. no arroio Lexiguama, possuía 2.400 cavalos de reserva. Cinco dias após, no passo do Camaquachico, após admitir ter requisitado cavalos a "torto e a direito", declarou possuir uma reserva de 3.200 cavalos. Em carta de 2 de março 27 a Cunha Matos, Barbacena escreveu dizendo "que apesar dos maiores esforços e mesmo algumas violências não conseguiu juntar mais que 4.000 cavalos" e acrescenta que no Rio Grande "tudo é às avessas". O general, em lugar de procurar lugar seguro para as suas tropas, é obrigado a procurar posição com pasto e água para os cavalos. O sistema de não se tratar os cavalos, obriga a ter, pelo menos três para cada soldado. Barbacena na 1.ª parte de combate de Passo do Rosário reafirmou: "Um general no Rio Grande é obrigado a sacrificar tudo ao sustento dos cavalos e que o importante não era buscar lugar seguro para a tropa, mas pasto e água para os cavalos.

Em carta ao Ministro da Guerra Barbacena escreveu a certa altura: "A cavalaria do Rio (1.º RC) e a da Bahia, obrigam-me a distrair das tropas do Rio Grande, quem vá aprontar cavalos para elas e também para apanhá-los em marcha, quando fogem, após lançarem por terra os soldados".

A remonta, em grande parte era feita a base de cavalos baguais ou chucros. As tropas do Exército do Sul de Cavalaria, provenientes de locais fora do Rio Grande, não estavam habituados ao processo de doma.

A situação da cavalaria no Exército do Sul, no dia da batalha, não era das melhores.

Machado de Oliveira, declarou que o Marechal Abreu, momentos antes da batalha de Rosário, pediu cavalos de muda para o Marechal Barreto e não foi atendido. Em consequência, teve de lutar com sua cavalaria incapaz para uma ação mais séria, por fraca e desgastada. Os homens de Abreu ao operarem junção com o Exército do Sul, sete dias antes da batalha, segundo Seweloh, "encontravam-se bem montados e mal armados".

Durante uma semana de ação intensa na vanguarda do Exército, a cavalaria de Abreu enfraqueceu, sem possibilidade de ser substituída. Abreu enfrentaria o peso da Cavalaria de Alvear com civis mal montados e armados. Não poderia haver bom resultado. O segredo maior de Caxias na Revolução Farroupilha foi o de ter se apossado, gradativamente, das cavalcadas dos revolucionários. Seja fechando a frente e comprando cavalos disponíveis no outro lado, seja, por terminar de se aposar e controlar as remontas dos revolucionários no corte do rio Camaquã, principalmente. Ao assumir soube que o Exército estava a pé, em Passo do São Lourenço, no Jacuí e os revolucionários, com liberdade e mobilidade totais. Sua primeira manobra militar foi transportar de Rio Grande ao Passo São Lourenço enorme cavalcada.

Ao final da Revolução estava excelentemente montado e os revolucionários a pé.

Esta é a excelente lição que ele nos dá em suas Ordens do Dia e Ofícios, do período em que lutou contra a Revolução Farrroupilha.

Exército Republicano: Em 25 mar. 27, em nota reservada, Alvear declarou que deixou o acampamento de Arroio Grande com apenas 3 cavalos por homem. Que estes cavalos logo se esgotaram nas preliminares da campanha. Acevedo Dias refere a 50.000 cavalos, o que daria para 16.000 homens. Em consequência, havia chegado a Bagé com um só cavalo de reserva, por homem, e, assim mesmo, fracos e extenuados.

Segundo Tasso Fragoso, após Alvear certificar-se da junção de Barbacena e Brown no arroio Lexiguana, "moveu-se para o norte com a cavalaria em péssimo estado, buscando meios de a bem nutrir e remontar". No itinerário de marcha, Alvear conseguiu remontar satisfatoriamente a sua cavalaria, ao custo da Província do Rio Grande.

Segundo depoimento do general Osório a seu filho Fernando Osório, durante a invasão do Rio Grande foram arrebanhados "2.000.000 de reses e milhares de cavalos".

O coronel Baldrich atribuiu este arrebanhamento a orientais que inundaram a Província do Rio Grande, à retaguarda do Exército Republicano, e transferiram para a Província Cisplatina "sobre duzentas mil cabeças de gado e imensas crias de éguas" a despeito de orientação contrária de Alvear de respeito a propriedade.

Comentário: Nos dois exércitos predominavam as tropas de Cavalaria sobre as de Infantaria e, acentuadamente no Republicano. A situação ideal da Cavalaria em cada exército, na base de 3 cavalos por homem, seria de 15.000 no Exército do Sul e de 18.000 no Republicano.

No Exército do Sul, sendo a reserva de 4.000 no dia da batalha, estima-se ter existido 1,8 cavalos por homem. No Exército Republicano, estima-se que a situação foi bem melhor, entre 2 a 3 cavalos por homem. De outra forma, lhe seria impossível sustentar o ritmo das cargas desferidas sobre os quadrados das divisões de Infantaria do Exército do Sul, por mais de 6 horas de duração da batalha. A situação no Exército do Sul neste ponto foi bastante inferior, ao ponto das tropas do marechal Abreu terem de lutar com os mesmos cavalos que utilizavam desde a junção com o Exército do Sul.

Barbacena, ao operar em território pátrio, teve imensas dificuldades em remontar sua cavalaria. Ao assumir o comando em Santana, contava com somente 18 cavalos em condições. Alvear, ao contrário, teve melhores condições de proceder a remonta de seu Exército no Rio Grande, a concluir-se pela requisição feita pelo general Mansilla, em 15 mar. 1827, na estância do marechal Bento Correia da Câmara, no rio Santa Maria e consistente de:

"10.000 reses, 3.000 éguas de cria, cavalos, ovelhas e até cães da estância".

A portaria assinada por Mansilla justificava aquela medida pela necessidade de atender à subsistência do Exército Republicano e procurava fundamentar-se no seguinte:

1. Não encontrar-se o marechal Bento Correia da Câmara na estância, razão da mesma estar fora da garantia assegurada por Alvear.
2. Por ter o encarregado da estância afirmado que o marechal Bento não se encontrava em serviço ativo, tentando assim enganar a Alvear que não iria condenar um general que estivesse servindo a seu governo.
3. Que Alvear supondo ser o marechal Bento um bom servidor do Imperador, ficaria muito satisfeito, em poder dar ao menos esta prova de sacrifício.
4. Que Alvear supõe que o Imperador indenizaria o marechal Bento, em razão de sua obrigação sagrada de proteger seus domínios.

E finalizava dizendo que as explicações dadas por Alvear por este ato era por ter pretendido dar uma prova do grande respeito que tinha pelas propriedades.

Um fator negativo para o Exército do Sul, foi o fato da Cavalaria proveniente de fora do Rio Grande (19 RCC), Bahia e São Paulo, não estar habituada a operar com cavalos nas formas feitas no Rio Grande. O mesmo não aconteceu no Exército Republicano, superior em cavalaria no dia da Batalha.

Interpretação com apoio em: CIDADE. Lutas. pp. 243-264. FRAGOSO, A Batalha. pp. 383-387, 314, 406. WIEDERSPHAN, A Campanha. pp. 166 e 180. JUNIOR, Caminhos. pp. 56. SEWELOH, Reminiscências. p. 57 e DIAS, Acevedo, Campanha. . . pp. 68-70.

H – Situação de Informações

Exército do Sul: Segundo Cidade, "nosso serviço de informações deixava muito a desejar, pois não era coordenado convenientemente. Não havia órgãos especializados para fixar as informações necessárias. Desempenhavam um papel notável, nesse setor, certos indivíduos em funções diplomáticas, bem como as colônias estrangeiras radicadas no país inimigo. Muitos chefes, mal avisados a tal respeito, detestavam a espionagem e não davam importância à contra-espionagem. Barbacena parece que pertencia a essa categoria". Assumia importância às informações fornecidas pela população local. Seweloh assim descreveu o trabalho de busca de informações realizado por guerrilhas, "corpo de gente do Rio Grande, pouco disciplinada e exercitada. Fazem sempre a vanguarda em nossos movimentos. Causa prazer observar como desempenham todas as obrigações dessa tarefa, com uma perícia como se tivessem aprendido nas melhores escolas européias. Eles saíam pelo flanco a reconhecer todo o terreno a frente. Após se reuniam em pontos que serviam de observatório e ali ficavam até que seu Corpo se aproximasse.

Combatem dispersos em atiradores de Cavalaria Ligeira. São tropas valentes que deveríamos louvar, se não toldassem o brilho de sua glória, muitas vezes, pela conduta indisciplinada e, principalmente, por uma grande sagacidade que não podem dominar".

O Exército do Sul apesar de lançar patrulhas em todas as direções, tinha imensa dificuldade em transpor as cortinas de contra-informações sobre o grosso do Exército Republicano, estabelecidas pela vanguarda, retaguarda e flancoguarda.

Até a junção de Barbacena com Brown, a busca de informações sobre o Exército Republicano, realizadas por patrulhas enviadas pelo marechal Barreto e pelo coronel Bento Gonçalves, foram eficientes. Embora não precisassem o valor do mesmo, desvendaram sua direção de marcha — Bagé. O valor aproximado só foi fornecido pelo general Callado, proveniente de Montevidéu e, no arroio Lexinguana.

A partir daí, o Exército Republicano adotou eficientes medidas de contra-informações, inclusive fintas que iludiram por completo o Exército do Sul, sobre suas reais intenções. Julgando que o Exército Republicano fugia, não houve uma preocupação de parte de Barbacena de confirmar a impressão. Bento Manuel foi levado a crer que o Exército do Sul retirava-se pelo passo S. Simão e transmitiu esta falsa impressão ao Exército do Sul, sem conferi-la.

Deste modo, o Exército do Sul foi chocar-se com o Republicano próximo ao Passo do Rosário, julgando tratar-se de vanguarda que protegia a travessia do grosso naquele Passo. E Bento Manuel, que havia induzido o Exército do Sul a crer que o Republicano fugia pelo Passo S. Simão, manteve-se do outro lado do Ibicuí, sem a preocupação de manter o contato com o Exército Republicano. E o pior, privaria o Exército do Sul de seu concurso em Passo do Rosário.

Exército Republicano: De sua marcha de Arroio Grande até Bagé sofreu muito com a falta de informações sobre o Exército do Sul. Este, protegido por uma eficiente cortina de contra-informações, proporcionada pelas colunas de Barreto e Bento Gonçalves. Alvear adotou muitas atitudes em função de falsas impressões sobre o Exército do Sul que tinha uma noção mais precisa de seus movimentos e objetivos. A partir de Bagé, seu sistema de informações e contra-informações esteve mais eficiente. A retaguarda era protegida por Lavalleya. E o restante do grosso era acompanhado por um enxame de patrulhas, que além de colherem informações precisas sobre os movimentos do Exército do Sul, formavam um círculo de contra-informações impenetrável, no interior do qual desloca-se, à vontade, o grosso do Exército Republicano, guiado, inclusive, por vaqueanos brasileiros do Rio Grande, como, segundo Wiedersphan, "o maníaco e endiabrado major de Milícias Alexandre Luiz de Queiróz e Vasconcellos (1772-1833); o "Quebra".

Este rio-grandense de tendências republicanas, pan-americanistas e anti-monárquicas foi, desde 1803, nomeado coronel republicano e comandante do Regimento de Libertadores de Continente del Rio Grande, unidade de existência precária, mas preciosa como fonte de informações de combate".

Comentário: Até a junção de Brown com Barbacena, as informações no Exército do Sul, dentro das peculiaridades da época, conseguiram definir as intenções do Exército Republicano e o objetivo que o mesmo procurava. Após, consequência da euforia resultante da falsa impressão de que o Exército Republicano fugia para além do rio Santa Maria, as informações foram relaxadas. Disto resultaria, em grande parte, a surpresa do Exército do Sul em 20 fev. 1824, ao encontrar todo o Exército Republicano em posição nas coxilhas adjacentes ao Passo do Rosário, quando o julgava, um dia antes, atravessando o Passo S. Simão e, na manhã de 20, atravessando desesperado o Passo do Rosário, sob a proteção de uma fraca vanguarda, nas colinas adjacentes ao mesmo passo.

O Exército Republicano através de medidas de contra-informações e informações eficientes, conseguiu surpreender o do Sul, ao apresentar-se com toda a sua força face ao mesmo, com menos a Brigada Bento Manuel, na manhã de 20 de fevereiro em Passo do Rosário.

De tudo pode-se concluir, que apesar de operar em seu território, o sistema de informações e contra-informações do Exército do Sul mostrou-se bastante inferior ao do Exército Republicano, particularmente de 5 a 20 de fevereiro de 1827, ao ser levado pela falsa impressão de que o Exército do Sul fugia desesperado.

Interpretação com apoio em: CIDADE, Lutas, p. 282. FRAGOSO, A Batalha, pp. 224, 235-238, 253, 256, 262. WIEDERSPHAN, A Campanha, pp. 153, 173, 175, 178, 183 e SEWELOH, Reminiscências, p. 55.

I — Armamento e munição

Exército do Sul: O hábito da Cavalaria no Brasil usar armas de fogo ao invés de arma branca era criticado. Brown procurou em parte corrigir isto. A 2.ª Brigada de Cavalaria constituída do 4.º RC de 1.ª linha (Rio Grande) 4.º RC (Lunarejos-Santana) e Esq. de Lanceiros Alemães, usariam este processo de combater à espada, em Passo do Rosário.

A Infantaria estava equipada com carabina mod. 1822 e a Cavalaria com clavinha mod. 1822, ambas a pederneira e de alcance em torno de 250 a 300 metros. Havia também pistolas do mesmo sistema.

A carabina possuía 18mm de calibre e 1,082 m de comprimento. Era de carregar pela boca. Seu acionamento era consequência do impacto do cão de sílex contra uma peça de ferro (caçoleta). Isto produzia faísca que incendiava a pólvora colocada numa concha exterior (fogão), cujo fogo produzido, comunicava-se por um orifício à câmara no cano, produzindo, então, a detonação. O carregamento consistia em retirar-se a parte superior do cartucho com os dentes e colocar-se um pouco da pólvora no fogão, e cobri-la com a *caçoleta*. A seguir, colocar o restante da pólvora no cano, comprimi-la com a bucha de papel, com auxílio da vareta, colocar a bala e, finalmente, mais outra bucha. Tudo isto demorava muito. O êxito do tiro estava muito ligado às condições de umidade atmosférica. Quando Barbacena assumiu o comando em Santana, dos 277.400 cartuchos existentes, grande parte se achava em mau estado. Sabe-se que uma das causas de Barbacena haver ordenado a retirada em Passo do Rosário foi devido à insuficiência de munições, após mais de 6 horas de combate intenso.

Exército Republicano: A Infantaria estava equipada com bons fuzis. Não possuíam cartucheiras apropriadas e, sim, improvisadas que dificultavam a corrida e danificavam os cartuchos, além de não resguardarem as munições com eficiência, da água e do fogo. Não dispunha de pólvorins que aumentavam a rapidez dos fogos e proporcionavam melhor conservação para as munições durante o combate. A Cavalaria, ao que parece, estava equipada com bons fuzis com as mesmas limitações da Infantaria. Os 1.º Regimento de Cavalaria do coronel Brandsen e o 3.º do coronel

José Maria Paz dispunham, além de lança e clavina como o restante da Cavalaria, de sabre largo e couraça. O pior armamento era o das milícias orientais.

Comentário: O armamento e munição de ambos os exércitos equivaliam-se qualitativamente. O Exército Republicano registrava uma pequena vantagem, resultante do uso de couraças por dois de seus regimentos de linha, de assinalada atuação na batalha de Passo do Rosário, que além disto dispunham de clavinas e espadas.

Interpretação com apoio em: FRAGOSO, A Batalha, pp. 250, 251, 319, 379, 283. WIEDERSPHAN, A Campanha, pp. 158 e 156.

J — Artilharia

Exército do Sul: A Artilharia, quando Barbacena assumiu o Comando, compunha-se de 12 bocas de fogo transportáveis, das quais 12 obuses com 45 tiros e 10 canhões com 557 tiros.

Exército Republicano: Dispunha de 16 peças de Artilharia superiores às do Exército do Sul, em alcance e outras condições balísticas.

Comentário: A superioridade quantitativa e qualitativa da artilharia do Exército Republicano sobre o do Sul foi flagrante. Durante a batalha travava-se o seguinte diálogo, entre o recém chegado comandante da Artilharia do Exército do Sul e herói de lutas em Portugal e Barbacena, ao surpreender-lhe debaixo de um carro de munição, onde fora buscar proteção contra a Artilharia adversária:

- “Que quer V. Excia. que eu faça aqui?
- Que faça fogo, Diabo!
- O calibre do inimigo é muito maior que o nosso” respondeu o coronel.

Nesta batalha somente duas peças ao comando do tenente Mallet apoiavam a ofensiva e após defensiva do Exército do Sul. A do Exército Republicano, além de superior quantitativa e qualitativamente, era habilmente empregada pelo comandante que a treinava, ao contrário da do Exército do Sul, cujo comandante se incorporara há pouco no Exército, proveniente do Rio de Janeiro, com fama de herói em guerras na península ibérica.

A Artilharia do Exército Republicano, além de superior quantitativa e qualitativamente relativamente a do Exército do Sul era melhor adestrada e ocuparia melhor posição. A do Exército do Sul, por imposição do terreno, irá ser usada dispersa.

Interpretação com apoio em: FRAGOSO, A Batalha, pp. 319-320. WIEDERSPHAN, A Campanha, p. 167 e SEWELOH, Reminiscências, p. 65.

L — Engenharia

Exército do Sul: Não dispunha de tropas especializadas neste setor. As transposições de rios, como o Camaquã-Chico em jan. 27, foram realizadas com a

improvisação de recursos locais — pelotas de couro. Para evitar-se obstáculos representados pelos rios, era costume marchar-se no dorso dos divisores d'água, vias de acesso sobre os quais desenvolviam-se direções estratégicas. O Exército do Sul venceu com galhardia o único obstáculo sério que teve de enfrentar — o Passo do Camaquã-Chico. Talvez, aí, tenha vivido o maior momento da campanha.

Exército Republicano: Não dispunha de tropas especializadas neste setor. Por falta de meios de transposição, não conseguiu realizar a travessia no dia 19 fev. 1827, do Passo do Rosário, por estar este cheio, além do normal.

Comentário: Nenhum dos exércitos possuía meios de Engenharia. O Exército do Sul soube vencer melhor o obstáculo que encontrou pela frente, em momentos críticos — o Camaquã-Chico. Ao contrário, o Exército Republicano teve que contramarchar de Passo do Rosário para local onde se travaria a batalha de mesmo nome, por não conseguir transferir todo o Exército para o outro lado, sob penas de ficar de um lado, com a Cavalaria e Artilharia e, de outro, com a Infantaria e Serviços.

Interpretação com apoio em: FRAGOSO, A Batalha. SEWELOH, Reminiscências. DIAS, Acevedo. A Campanha.

M — Alimentação

Exército do Sul: A base era a carne de gado vacum sob a forma de churrasco, muito abundante no Rio Grande e de fácil aquisição, além de alimento auto-transportável. Pois, era levada junto com os exércitos e obtida pelo simples abate do gado necessário. Complementava-a a erva mate e a cachaça, ou aguardente de cana. Desde 29 abr. 1823, o Exército havia estabelecido 4 rações distintas:

Primeiro tipo: farinha de trigo 1/40 do alqueire (medida do Brasil)
carne fresca, 1/2 libra
sal, 1 onça
lenha, 24 onças

SUL

Segundo tipo: farinha de trigo, 1/40 do alqueire
carne seca, 6 onças
lenha, 24 onças

NORDESTE

Terceiro tipo: farinha de trigo 1/40 do alqueire
arroz, 1/4 de libra
banha ou toucinho, 1 onça
sal, 1 onça

SUDESTE

Quarto tipo: farinha de trigo, 1/46 do alqueire (medida do Brasil)
feijão, 1/32 (alqueire — medida de Lisboa)
sal, 1 onça
lenha, 24 onças.

No Rio Grande, basicamente, devia ser o primeiro tipo. Mas a farinha esteve sempre ausente. Os oficiais para substituírem o pão usavam carne torrada ou fígado torrado e, o pão, em Santana, atingiu preços proibitivos.

A alimentação fora da tabela era adquirida dos vivandeiros, comerciantes que se deslocavam a retaguarda do Exército.

Exército Republicano: Era o mesmo sistema alimentar. Ou seja, a base do gado vacum que transportavam e encontradiço em abundância. Em Bagé, "no saque dos armazéns abundantemente sortidos", o Exército Republicano se refez. Ao sair de Bagé alimentou-se de ovelhas, galinhas e toda a sorte de alimentos encontrados na região. Em São Gabriel conseguiu outros reforços de alimentação nos armazéns locais.

Comentário: Não se pode dizer que nenhum dos Exércitos levasse desvantagem quanto à alimentação. As campanhas onde cruzaram eram pródigas em gado vacum. Se desvantagem houve, foi relativamente às tropas do Exército do Sul, alemães, pernambucanos, baianos, cariocas e paulistas que tiveram de aderir, por força das circunstâncias, ao que a região oferecia — churrasco. E nisto o Exército Republicano estava habituado. Ademais, em Bagé e São Gabriel, conseguiu suprir-se de gêneros essenciais.

Interpretação com apoio em: CIDADE, Lutas. pp. 283-284. TABORDA, A invasão. pp. 25-27.

N — Uniformes

Exército do Sul: O fardamento era feito nos arsenais do Rio e de Porto Alegre e distribuídos com atraso. Havia muita improvisação. Mistura de trajes civis, particularmente gaúchos, mais cômodos e apropriados. Segundo Seidler, tenente do 27.º BC de alemães, "os uniformes azuis que sua unidade recebeu no Rio, em menos de 4 semanas se tornaram cor de raposa, as costuras se desfaziam e os sapatos, com toda a boa vontade, não era mais possível usá-los. Nem D. Pedro I podia obviar esta desordem e roubalheira". Watsch Rodrigues estudou os uniformes dessa época e os reconstituiu na forma ideal, ou a planejada. A realidade era bem diversa.

Exército Republicano: Segundo Antonio Diaz, havia grande falta de fardamento. "O par de sapatos que a Infantaria havia recebido em Arroio Grande, havia se gastado após 8 dias de marcha. O restante da campanha foi realizado a pé.

Não havia um dia que não surgissem soldados "impossibilitados de marchar sob o efeito de espinhos e pedras agudas".

Comentário: Em ambos os exércitos, a situação foi ruim quanto a uniformes. Para o Republicano, longe de sua base de partida, parece ter sido pior.

Interpretação com apoio em: CIDADE, Lutas. p. 283. FRAGOSO, A Batalha. p. 251. DIAZ, Acevedo. A Campanha.

O — Equipamento de campanha

Exército do Sul: Não foi uma só vez que o Marechal Barreto disse publicamente aos coronéis Felipe Neri, comandante do 5.º RC (Rio Pardo) e Pereira Pinto,

comandante do 4.^o RC (Rio Grande) durante a Campanha de Jaguarão, após Passo do Rosário, "sempre cá se fez a guerra sem cantis, barretinas e malas. Nada disso aqui serve, assim como a limpeza dos arreios, esporas, estribos e outras impertinências, senão para sobrecarregar e descontentar os soldados". O coronel Felipe Nerí, com suas impertinências conseguiu excelente desempenho de sua tropa em Passo do Rosário. O equipamento devia incluir a barraca, mas ela raramente existiu no Exército do Sul. O que era muitas vezes assim chamado, eram gamadas ou ranchos de capim. Se uma força devia passar algum tempo em algum lugar, surgiam verdadeiras aldeias de ranchos de palha, que abrigavam a tropa do sol, da chuva e do frio.

Exército Republicano: O coronel Paz referiu que outra falta de grande consideração para a Infantaria "era a de cantis (caramañolas) para água, equipamento de todo importante para um Exército operando numa região deserta e de clima quente no verão".

Comentário: As deficiências se equivaliam nos dois exércitos, mas eram consideradas normais.

Interpretação com apoio em: CIDADE, Lutas. p. 284. FRAGOSO, A Batalha. p. 251 e WIEDERSPHAN, A Campanha. p. 166.

P – Transportes (Vide em conclusão do Estudo)

CONCLUSÕES FINAIS

A. Quanto ao Terreno:

A posição ocupada pelo Exército Republicano era contínua. Possuía no centro um contraforte da coxilha do Olho D'Água, dominando com vistas e fogos o centro da posição do Exército do Sul, formado por uma depressão que dissociava no centro referida posição.

Era imprópria para ser ocupada por nossa Artilharia e Infantaria, por pobre em campos de Observação e Tiro. Por outro lado, a posição do Exército Republicano era superior taticamente nos seguintes aspectos:

1) Em Cobertas e Abrigos – razões:

- Existência na contra-encosta do saliente da cota 133 de depressão junto a frente, coberta e abrigada que seria usada para as montagens de ataques e contra-ataques de flanco, a base de Cavalaria.
- Vale da Sanga do Branquilha, coberto das vistas do Exército do Sul e próximo da linha de frente.

2) Em Observação e Campos de Tiros – razões:

- Maiores altitudes de sua posição, relativamente às do Exército do Sul.
- Existência de saliente no centro da posição (cota 133), dominando depressão central dissociadora da do Exército do Sul.

- Dominância de vistas e fogos da cota 144, sobre os caminhos que demandavam o Passo do Rosário e que nela uniam-se.

3) Em Acidentes Capitais — razões:

- Por serem em maior número e de menor grau de acessibilidade para o Exército do Sul, a base de Infantaria.

4) Em Vias de Acesso — razões:

- Por possuir duas vias de acesso paralelas (Via 1 e Via 2), ideais para o máximo rendimento de sua superioridade em Cavalaria. Uma incidia sobre o flanco esquerdo da posição do Exército do Sul e a outra no centro desta, onde era dissociada pela depressão. Estas duas vias de acesso eram curtas, bem orientadas, possibilitavam impulsão as cargas de Cavalaria, sem interferirem no apoio de fogos de Artilharia. Foram usadas efetivamente na batalha.
- A melhor via de acesso para o Exército do Sul, a base de Infantaria, apesar de longa e mal orientada, era a Via-4 (Norte) desde que combinada com um ataque de fixação, através da Via-3. A utilizada efetivamente foi a Via-2, dominada por toda a posição adversária, atacando de cima para baixo e flanqueada, pelo norte, pela Artilharia, colocada maciçamente no saliente da cota 133 e, por ataques de Cavalaria partidos da depressão na contra-encosta desta cota.

Acreditamos que se o Exército do Sul tivesse ocupado a posição entre as cotas 129 e 152, ao norte da estrada para Cacequi, teria minimizado as vantagens táticas conferidas pelo terreno ao Exército Republicano e tirado, inicialmente numa defensiva e, após, numa ofensiva, as vantagens que referida posição oferecia a sua superioridade em Infantaria.

Mas como o dispositivo inicial foi tomado na presunção de combater-se com uma pequena vanguarda, num ataque em larga frente, não houve tempo para a tomada do dispositivo ideal. Acreditamos, por outro lado, que ao Exército do Sul constatar que todo o Exército Republicano se encontrava em posição a sua frente, tivesse retraído e adotado atitude defensiva em sua posição inicial, melhores seriam os resultados obtidos. Particularmente, se articulasse a Brigada Bento Gonçalves na sua posição planejada anteriormente, ou seja na esquerda do Exército e, os 560 civis do Marechal Abreu à direita, ocupando o vácuo deixado pela Brigada Bento Manuel.

B. Quanto às condições meteorológicas:

Sobre a posição do Exército do Sul soprava o vento, ora da direção norte, ora noroeste. Em consequência ele atuaria na batalha como valioso general do Exército Republicano. Durante a batalha cavalarianos do Exército do Sul atearam fogo na frente, flancos e retaguarda da posição na cota 135, defendida pela 2ª Divisão de Infantaria do General Callado. Este fogo teve papel decisivo na retirada; à procura de melhores posições do Exército do Sul, por envolver a referida divisão e os

trens do Exército a sua retaguarda e ameaçar a 1ª Divisão de Infantaria do General Barreto. Sobre o incêndio referiu Barbacena "sendo o lugar falto de água e estando os pastos ardendo em chamas, o Exército fez sua retirada na direção que prometia maiores vantagens para ulteriores movimentos, por inútil continuar um combate que nenhuma probabilidade oferecia de bom resultado". O general Callado, o maior atingido pelo incêndio dos pastos, assim referiu ao mesmo:

"Principio a minha retirada, a exemplo da 2ª Divisão, levando a minha Infantaria em quadrado. . . sustentando contínuo fogo contra meus perseguidores que haviam incendiado o pasto, sendo todo o nosso campo um vulcão que éramos obrigados a trilhar. . ."

Segundo o coronel argentino Antônio Diaz: "O fogo posto às ervas, macegas e pastos secos, estimulado pelo vento norte dominante e aumentado pelos incêndios provocados por nossas tropas à retaguarda do inimigo durante a batalha e, após ela, na frente e flancos dos quadrados em retirada, havia se estendido por aqueles campos desertos, abarcando imensa extensão". E prossegue em outro ponto: "No meio daquele mar de chamas que por todas as partes formava o horizonte, viu-se, às 20.00 horas, num pequeno recanto de campo não queimado, vários feridos brasileiros abandonados em marcha. Moviam-se penosamente de um lado para outro, procurando, em vão livrarem-se do suplício lento com o qual o fogo os ameaçava. Naquelas circunstâncias não podíamos socorrê-los, pois as chamas que os rodeavam formavam uma barreira impenetrável".

Sobre o material deixado pelo Exército do Sul no campo de batalha Antônio Paz menciona:

"No dia 21 foi impossível recolher do campo de batalha armamentos e mais materiais deixados pelo Exército do Sul, em razão do incêndio haver devorado tudo o que era combustível na posição que ocupara durante a batalha do dia anterior, enquanto que a ocupada pelo Exército Republicano só o foi na sua frente, a altura do centro".

A violência do fogo foi tanta junto a posição brasileira que segundo observou Antônio Diaz, em 21 de fevereiro, no leito da Sanga do Barro Negro, não atingida pelas chamas, foram encontrados em considerável número cadáveres de bravos dos 2 exércitos feridos na batalha que ali procuraram refúgio das chamas e vieram a morrer. Acreditamos que muitos morreram por asfixia.

Ferido por um golpe de lança, foi atingido pelo incêndio e após resgatado com grandes queimaduras, sob o efeito das quais morreria 10 anos após, o Alferes Friedrich Wilhelm, Conde Von Hoonholtz, pai de herói de nossa Marinha — o Barão de Tefé.

Como acabamos de provar, o vento soprando em direção adversa ao Exército do Sul, em 20 fev. 1827, combinado com o incêndio ateado no campo de batalha, teve influência marcante. Pois, foi um dos fatores decisivos para Barbacena ordenar sua retirada do campo de batalha para evitar ser destruído pelos grandes generais, Vento e Fogo do Exército Republicano. Referidas influências não têm sido analisadas em profundidade e consideradas. O fogo ateado a retaguarda do Exército

do Sul, iria favorecer a sua retirada, seja pelo obstáculo que ofereceu à perseguição, seja pela cortina de fumaça que o protegeu das vistas do adversário.

Interpretação sobre os efeitos dos ventos norte e noroeste e fogos com apoio em: BARBACENA e CALLADO. Partes de Combate in: FRAGOSO. A Batalha. pp. 292-295-405-412 e 418. CIDADE. Lutas. p. 278. DIAZ, Acevedo. Campanha. pp. 89-90-94-96-99 e BENTO, Estrangeiros. p. 60.

C. Quanto a Missão

A do Exército Republicano era a mais realista. Ou seja:

Na impossibilidade da travessia do Passo do Rosário de todo o Exército e após, de oferecer combate a Barbacena na várzea contígua ao Passo, por imprópria para sua Cavalaria, decidiu, como única alternativa, contramarchar e tomar posição na coxilha do Olho de Água, reconhecida na noite anterior, e ali oferecer batalha a Barbacena, caso este se apresentasse com esta disposição.

A missão do Exército do Sul era irreal, por calcada em falsas informações e crenças de que o Exército Republicano fugia em vergonhosa e precipitada fuga. Ou seja:

Atacar em dispositivo linear, em toda a frente, sem reserva e sem o concurso da Brigada Bento Manuel, a pequena retaguarda que na Coxilha do Olho de Água, cobria travessia, em curso do Exército Republicano, no Passo do Rosário. Resultaria disso o Exército do Sul, após desfechado um ataque em toda a frente, constatar que todo o Exército Republicano o aguardava na Coxilha do Olho de Água com dois corpos do Exército em 1ª Escalão e outro em 2ª ou reserva e com toda a sua artilharia postada ao centro, em excelente posição.

Acreditamos, se o general Alvear tivesse desejado combater desde o princípio na coxilha do Olho de Água, a teria ocupado, parcialmente, desde a noite de 19 fevereiro e evitado marchar até o Passo do Rosário e, após contramarchar para a referida coxilha.

D — Quanto à Situação dos dois Exércitos:

— O Exército Republicano possuía cerca de 300 combatentes a mais que o do Sul e no dia da batalha cerca de 1.400, considerada a ausência da Brigada de Cavalaria Ligeira do Cel. Bento Manuel Ribeiro. Sua Cavalaria apresentava uma superioridade numérica de cerca de 540, sobre o do Sul e, qualitativa, representada por 9 regimentos de 1ª linha contra 5. A diferença de efetivos de Cavalaria, no dia da Batalha, com a ausência da Brigada Bento Manuel, elevou-se para cerca de 1.600 homens, ou uma superioridade de cerca de 28,5%. Esta característica era importante para uma batalha travada em local plano.

O Exército do Sul era superior quantitativamente em Infantaria, em torno de 500 homens ou, cerca de 20% sobre o Republicano. Esta vantagem era importante para uma batalha travada em terreno com características de serra. O Exército Republicano possuía 200 artilheiros e 4 peças a mais que o do Sul.

— Alvear possuía mais experiência e conhecimentos em Arte e Ciência Militar do que Barbacena, inclusive experiência de guerra que o último não possuía.

As demais lideranças do Exército Republicano estavam melhor preparadas e integradas como o seu Exército.

Possuíam mais experiência com o tipo de batalha clássica, adquirida nas campanhas dos Andes e do Peru e na própria Europa com Napoleão, na parte referente a alguns líderes militares franceses, a serviço do Exército Republicano.

— No Exército Republicano a maioria dos soldados foi recrutada no ambiente fisiográfico onde se travaria a batalha. Ao contrário do Exército do Sul, no qual, a totalidade de sua Infantaria provinha do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Eram estranhos à área o 19º Regimento de Cavalaria-Rio, o 39º Regimento de Cavalaria-SP e dois esquadrões, um do Rio e outro da Bahia.

A artilharia em sua totalidade provinha do Rio de Janeiro e parte da Ilha de Santa Catarina onde guarneciam seus velhos fortes. A maior parte dessas tropas não possuía experiência em lutas externas.

— Quanto à instrução, Alvear dispôs de 6 meses antes da batalha para ministrá-la. Barbacena dispôs somente de 40 dias desde que assumiu o comando, ocasião em que encontrou em Santana, o Exército nas piores condições. Somente 15 dias antes da batalha foi que dispôs de todo ele reunido. Neste item residiu um ponto forte do Exército Republicano e uma grande deficiência do do Sul.

— Havia maior rigidez disciplinar no Exército Republicano. Nele os crimes de deserção eram punidos com fuzilamento ou degola, após julgamento sumário e verbal em campanha.

No Exército Sul, a punição do desertor exigia processo formal e se fazia na forma de 60 chibatadas e 160 para os reincidentes.

O processo do desertor era um incentivo à deserção, pois, por tão numerosos, era impossível processar todos.

— O moral do Exército Republicano era bom. Tudo indica que havia convicção na justiça da causa pela qual lutavam. A independência, com República do último povo com língua espanhola da América do Sul. O moral do Exército do Sul não era bom em conjunto, pelas seguintes razões:

— Sacrifícios e privações passadas na desastrosa concentração do Exército em Santana, fruto de desinteligências entre o Presidente da Província e o Governador das Armas.

— Impopularidade da luta no Brasil. Falta de apoio popular dos rio-grandenses até que o invasor penetrasse em seu território.

— Rivalidades entre oficiais brasileiros e portugueses incorporados ao Exército após a Independência.

— Idéias republicanas difundidas, a partir de Buenos Aires, entre lideranças militares milicianas do Rio Grande, pela maçonaria vermelha.

— Disputas entre a Assembléia e o Imperador, para o controle e emprego das tropas.

Murmurações, no seio das milícias e rio-grandenses, contra Barbacena, tornando-o injustamente impopular.

Durante a batalha as tropas de 1ª linha se comportaram com grande bravura, registrando-se deserções entre as tropas milicianas, como o 24º RC de Milícias das Missões, responsável pelo recorde em baixas fatais verificadas no 1º Regimento de Cavalaria, atual Dragões da Independência de Brasília, então ao comando do bravo coronel João Egídio Calmon. O 24º RC das Missões, posteriormente, nos Sete Povos, aderiu à efêmera República lá proclamada, por ocasião da invasão de Rivera.

— No dia da batalha o Exército Republicano dispôs de cerca de 2 a 3 cavalos por homem, enquanto no do Sul esta proporção girou em torno de 1,8 cavalos por homem.

Para o exército invasor foi mais fácil a requisição de cavalos em nosso território do que para o do Sul.

Alvear, ao iniciar sua marcha desde o Arroio Grande dispôs de cerca de 50.000 cavalos. Barbacena, ao contrário, ao assumir o comando em Santana declarou haver recebido cerca de 15.000 cavalos, dos quais somente 18 em condições de serviço.

O marechal Abreu com seus 560 civis mal montados, em razão de seus cavalos terem se extenuado numa semana de ação intensa na vanguarda e não ter sido possível a substituição dos mesmos no dia da batalha, teve seu triste fim frente a avalanche de cavalarianos da Lavalleja, em razão da sua cavalaria não ter forças nem para escapar do golpe desferido.

— O Sistema de Informações do Exército do Sul, até a junção com Brown nas serras do Camacã, mostrou-se mais eficiente que o do Republicano. Conseguiu definir as intenções e objetivos deste. A isto se deve o magnífico trabalho de cobertura realizado pela 2ª Brigada Ligeira do Coronel Bento Gonçalves da Silva, fato reconhecido por Barbacena. Após, consequência da euforia resultante da falsa impressão, não confirmada, de que o Exército Republicano fugia vergonhosa e precipitadamente para além do Santa Maria, a procura de informações sobre o mesmo foram relaxadas. Aqui residiu a maior vulnerabilidade do Exército do Sul e o fator responsável pela surpresa do dia 20 fev. 1827, ao defrontar-se, nas coxilhas adjacentes ao Passo do Rosário, com menos uma de suas importantes peças de manobra, com todo o Exército Republicano esperando-o para a batalha. Isto, quando julgava o Exército Republicano, com base em informações fornecidas pela 1ª Brigada de Cavalaria Ligeira ao comando do coronel Bento Manuel Ribeiro, na vanguarda:

1º — Em 19 fev., atravessando o passo S. Simão, a jusante do passo do Rosário.

2º — Em 20 fev., pouco antes da batalha, atravessando precipitadamente o

Passo do Rosário, sob a proteção de uma pequena cobertura na coxilha do Olho de Água.

O Exército Republicano, ao contrário, a partir de São Gabriel, protegido pela cortina proporcionada pela retarguarda ao comando de Lavalleja, por um enxame de patrulhas em torno do grosso e por uma flancoguarda ao comando de Mansilla, conseguiu mascarar seus movimentos e objetivos, iludir o coronel Bento Manuel Ribeiro de seus objetivos reais e manter-se informado de todos os movimentos do Exército do Sul, em seu encalço.

Esta, lamentavelmente é a realidade dos fatos. Que dela se retire preciosa lição.

— Quanto ao armamento e munições equivaliam-se quantitativa e qualitativamente nos dois exércitos. O Republicano possuía uma ligeira vantagem no sentido de possuir dois regimentos de Cavalaria de 1ª linha, dispondo de couraças e armados de clavinas e espadas.

— A superioridade quantitativa e qualitativa em Artilharia do Exército Republicano foi flagrante no dia da batalha. Além disso, era melhor adestrada e ocupou posição ideal oferecida pelo terreno.

A do Exército do Sul, recebeu seu comandante poucos dias antes e o terreno foi-lhe adverso, impedindo-a de ser usada concentrada. Distinguiu-se sobremaneira na batalha, no comando de duas peças, o então tenente Emílio Luiz Mallet, grande herói de nossas lutas no Sul e atual Patrono da Artilharia do Exército.

— Quanto ao apoio de Engenharia, este era improvisado. O Exército do Sul revelou maior capacidade de transpor cursos d'água com meios improvisados, cabos guia e pelotas de couro cru.

Venceu com galhardia o rio Camacua-Chico e interpôs este aos dois exércitos. Assegurou condições para a junção de Barbacena com Brown nas serras do Camacua, a salvo de interferência do Exército Republicano.

Já, o Exército Republicano, ao defrontar-se com o Santa Maria, não teve condições de transpor sua Infantaria e Trens. Este fato o obrigou a contramarchar e oferecer batalha em condições não ideais, surpreendendo, desse modo, o Exército do Sul.

Quanto a Alimentação, Uniformes e Equipamentos os dois exércitos não apresentavam diferenças notáveis. Quanto a transportes, o Exército Republicano possuía muitos carros apropriados, ao contrário do Exército do Sul que dispunha de carretas civis, com eixos de madeira e muito lentas, com reflexos negativos na mobilidade do Exército.

ENSINAMENTOS

O Estudo da Batalha do Passo do Rosário deverá levar em conta todos os elementos adversos resultantes do presente estudo dos fatores da decisão.

Veremos, que apesar de tudo, a maior parte de nossas tropas e chefes comportaram-se com honra, bravura e grande valor, durante 6 longas horas de combate,

conforme testemunham as partes de combate e o elevado número de baixas em ambos os exércitos.

E como fato novo, a determinar a retirada do Exército do Sul do campo de batalha, registre-se o efeito do incêndio no mesmo, avivado por ventos adversos. Incêndio que após 6 horas do início da retirada envolveu quase toda a posição que ocupara anteriormente.

O Exército do Sul que lutou em Passo do Rosário foi o resultado de uma improvisação para uma emergência. Constituiu-se numa mistura de tropas de linha, milicianas, estrangeiras contratadas e de civis. O Exército Brasileiro participou com 56% do Efetivo.

Esta improvisação era o resultado a atitudes hostis e antimilitaristas de lideranças de segmentos influentes da Sociedade Brasileira, logo após a Independência, adeptos da "política de erradicação" do Exército e da Marinha, partindo das seguintes premissas:

"Forças Armadas numerosas e permanentes são uma ameaça:

- À liberdade
- À democracia
- À prosperidade econômica
- À paz."

No esforço de constitucionalizar-se a monarquia em 1823, três anos antes de Passo do Rosário, projeto neste sentido procurava reduzir o Exército à posição mais insignificante, confiná-lo nas fronteiras e litoral, para segurança externa, afastá-lo dos centros de decisões políticas e descentralizar o seu controle entre a Assembléia Legislativa e os Presidentes de Província. Os últimos por possuírem capacidade presumida, auxiliados por milícias encarregadas da segurança interna, de neutralizar qualquer ação do Exército, em caso grave de conflitos entre poderes, de tentar recompor, no Executivo ou no Imperador, a Unidade Nacional ameaçada. (Nota 1)

A abdicação de D. Pedro I forneceu os argumentos para aquelas mesmas lideranças, 4 anos após Passo do Rosário, para erradicar o Exército, sob a acusação de indisciplina que elas próprias fomentaram e criar uma Guarda Nacional mais forte que o Exército e, servil a interesses menores de grupos, se comparados com o interesse nacional.

Para os adeptos influentes da erradicação do Exército no 1º Império, significava desarmar o Poder Central ou o Imperador, para que não viesse a usar a força contra movimentos de autonomia regional e tentativas de subverter o regime monárquico.

O ciclo revolucionário 1831-1841 em que a Unidade Nacional foi seriamente ameaçada, é uma consequência da malfadada política de erradicação do Exército, que assumindo formas claras ou sutis, perdurou por mais de um século.

Dai podemos tirar o seguinte ensinamento da História, como mestra das mestras: A expressão Militar do Poder Nacional não pode ser improvisada. Ela exige um esforço de toda a nação no sentido de bem organizá-la, equipá-la, motivá-la e

adestrá-la. Enfim uma Doutrina Militar dinâmica que assegure o seu eficiente emprego e, sobretudo, resultados positivos.

O saldo de evolução do desempenho de nosso Exército em Canudos e o seu desempenho na Itália demonstra, por si só, o valor de uma Doutrina Militar e o esforço meritório de todos que participaram da Reforma Militar no Brasil que promoveu essa notável evolução do Exército Brasileiro.

Barbacena ao acreditar que Alvear fugia em vergonhosa e precipitada fuga contrariou o seguinte princípio das Informações Militares:

Resistir a ser influenciado por um clima de opinião generalizada sobre as intenções do inimigo.

Em data mais recente a inobservância do mesmo foi responsável por grandes surpresas militares da História. Exemplos:

Ataque japonês a Pearl Harbour, Intervenção da China na Coreia — 1951 e a contra-ofensiva nazista pelas Ardenas quase ao final da II Guerra.

Nota 1. Com apoio em: COELHO, Edmundo Campos. *Em busca de identidade: O Exército e a Política na Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Forense, 1976.

Convenções

BI — Batalhão de Infantaria (equivalente na época, aos Batalhões de Caçadores).

BIBLIX — Biblioteca do Exército.

C Doc Ex — Centro de Documentação do Exército.

DEC — Departamento de Engenharia e Comunicações.

DI — Divisão de Infantaria.

DN — Revista Defesa Nacional.

EME — Estado-Maior do Exército.

E.Pr.A — Fonte Primária Argentina.

E.Pr.B — Fonte Primária Brasileira

H E B — História do Exército Brasileiro.

I H G B — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Imp.Mil. — Imprensa Militar.

SGeEx — Secretaria Geral do Exército — Rio de Janeiro—RJ.

RC — Regimento de Cavalaria.

RIHGB — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

RIHGMB — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Militar Brasileiro.

RIHGRGS — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Em princípio serão obedecidos quanto às abreviaturas, símbolos militares e convenções cartográficas o previsto no MANUAL DE CAMPANHA C-21-30, *Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas*. Rio, Ministério do Exército, 1963. 3ª edição.

TERRENO DA BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO OU DO ITUIZANGÔ (20 FEV 1827)
 Estudo do Ten Cel Eng QEM 4 Cláudio Moreira Bento, com apoio na Carta RGS 1:50.000
 folhas Corte e Passo do Rosário levantada em 1956 pelo Serviço Geográfico do Exército.

